

FLÁVIA GOULART MOTA GARCIA ROSA

A comunicação científica na Universidade Federal da Bahia

Caminhos entrelaçados



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

FLÁVIA GOULART MOTA GARCIA ROSA

***A comunicação
científica na
Universidade
Federal da Bahia***
Caminhos entrelaçados



Salvador
UFBA
2022

2022, Flávia Goulart Mota Garcia Rosa.
Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa e projeto gráfico

Gabriel Cayres

Editoração e arte final

Larissa Vieira de Oliveira Ribeiro

Revisão e normalização

Mariana Rios

Sandra Batista

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

R788 Rosa, Flávia Goulart Mota Garcia

A comunicação científica na Universidade Federal da Bahia:
caminhos entrelaçados / Flávia Goulart Mota Garcia Rosa. - Salvador:
UFBA: 2022.

74 p.

ISBN: 978-65-5631-063-3

1. Comunicação na ciência. 2. Editoras universitárias. 3. Publicações
científicas. 4. Universidade Federal da Bahia - Publicações. I. Título:
caminhos entrelaçados.

CDU: 001.92:378.1

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

Sumário

Sumário

- 7 Introdução
- 11 Breve síntese de uma trajetória
- 23 A Comunicação Científica na Universidade Federal da Bahia
 - 26 Breve panorama histórico da editoração na Bahia
 - 33 Papel da editora universitária
 - 37 A editoração na Universidade Federal da Bahia
 - 38 Trajetória histórica
- 59 Periódicos da UFBA
- 61 Circulação da Produção Universitária
 - 64 Sistema de distribuição
 - 67 Divulgação
- 69 Entrelaçando
- 71 Referências

Introdução

INTRODUÇÃO

Após 41 anos de dedicação exclusiva à Universidade Federal da Bahia (UFBA), através deste memorial, retomo e revivo a minha carreira acadêmica, grande parte dela como gestora, à frente da Editora da UFBA (Edufba) sem, no entanto, ter deixado de cumprir com os compromissos e objetivos iniciais a que me propus quando contratada como professora desta instituição.

Optei por inserir a minha trajetória no tema “A comunicação científica na Universidade Federal da Bahia: caminhos entrelaçados” por ter plena consciência de que faço parte dessa história, como sujeito participativo que acompanhou, propôs, executou e introduziu mudanças no processo de disseminação da produção científica da UFBA, na busca de ampliar a visibilidade da universidade e reduzir o abismo entre o que é produzido e o que é de fato disseminado.

Iniciar essa trajetória no final dos anos 1970 significa ter vivido, no período da graduação, ainda anos “duros”, desconfiança, cautela, sobretudo no curso de Comunicação, do qual faziam parte colegas como Emiliano José e Oldack Miranda, que tinham uma trajetória política marcante e com os quais tanto aprendi! Eu era realmente muito jovem, com 17 anos e apenas quatro anos de residência em Salvador, vinda de Maceió.

Adaptei-me bem, tanto à cidade – que havia conhecido aos dez anos como turista, bem como através dos livros de Jorge Amado – quanto à universidade, esse outro mundo muito diferente do Colégio Antônio Vieira, onde estudei até ingressar na UFBA após o vestibular, convicta desde os 13 anos que queria cursar Comunicação (Jornalismo).

Os livros e as artes sempre fizeram parte do meu cotidiano, desde muito cedo. A família materna era formada por artistas autodidatas. Ranulpho Goulart, meu bisavô, era escritor – poeta e contista –, pertencia à Academia Alagoana de Letras, tendo como patrono Guimarães Passos, e era também fotógrafo amador. Seus filhos eram: Alzira, pianista e compositora; Arthur, pintor (pintura a óleo e bico de pena); Armia, pintora e compositora; e Arnaldo, meu avô, fotógrafo, ilustrador e *designer*.

Não tinha mais que oito anos quando ganhei minha primeira máquina fotográfica. Era uma Kodak. Meu avô Arnaldo seria o meu primeiro “condutor” ao mundo da fotografia e da criação. Ela não foi simplesmente entregue como um presente qualquer – as primeiras aulas de técnica fotográfica seriam complementadas no retorno da viagem de férias realizada com ele e minha avó para Recife. Eu mesma, com meu avô, revelaria o filme preto e branco no laboratório situado no quintal da casa, local de brincadeiras e períodos inesquecíveis da minha infância.

8

A entrada, no laboratório, só era permitida em companhia de meu avô. Era fascinante! Vidros de todos os tamanhos armazenavam as substâncias químicas usadas na revelação e fixação dos filmes. Havia ainda os equipamentos, como o ampliador, e outros utensílios, como medidores e bacias para revelação.

Havia, no interior do laboratório, um quarto “escuro” com uma luz vermelha sobre a porta. Quando essa porta estava fechada e a luz vermelha acesa, respeito absoluto; ninguém deveria interromper. Compartilhei de muitos momentos nesse laboratório. Após a revelação das fotos, sentávamos na varanda, onde um gostoso lanche preparado por minha avó nos aguardava, e, então, recebia as críticas: “Faltou enquadramento”, “Por que cortou parte dessa imagem?”, “O que era mesmo que você queria fotografar?”, “Está fora de foco!”. Para uma criança de oito anos, tudo não passava de uma brincadeira, mas essas aulas ficaram para sempre registradas na minha memória.

Aos 13 anos, ainda concluindo a oitava série, decidi que queria cursar Comunicação (Jornalismo) e, hoje, tenho certeza que meu avô Arnaldo construiu um alicerce forte que me conduziu a essa decisão.

Foi dele também que ganhei um outro presente inesquecível. Uma “Tipografia” da Estrela – a famosa fábrica de brinquedos! Os tipos móveis, diferentes dos inventados por Gutenberg, eram de plástico e tinham um componedor no qual se montavam as linhas para serem impressas no papel. A tinta era de carimbo. Já naquela época, eu brincava de fazer jornal! Para, 20 anos depois, fazer livros...

Costumo dizer que a arte de produzir livros nos torna realizadores de sonhos e, assim, eu me sinto inteiramente cumpridora do que a universidade me possibilitou como missão, por ter proporcionando a tantos a alegria do livro publicado.

A universidade me deu régua, compasso e felicidade. Hoje, num momento de tantas dificuldades e desafios, sinto-me reclusa, mas resistindo – e resistirei até o último livro... Tantos e tantos fizeram parte dessa história! É difícil listar todos, mas o meu coração é imenso e nele cabe cada um que passou pela minha vida!

BREVE SÍNTESE DE UMA TRAJETÓRIA

Iniciei minha trajetória voltada para disseminação da informação científica ainda como estudante de graduação em Comunicação com habilitação em Jornalismo na UFBA, onde ingressei no ano de 1976. Formei-me em agosto de 1979, no tempo mínimo do curso, três anos e meio.

No segundo semestre da graduação, fui convidada pelo Prof. Ailton José Oliveira Sampaio, coordenador do Centro Editorial e Didático (CED) e professor do curso de Comunicação, para estagiar nesse órgão, responsável pelas publicações da universidade e confecção de todos os impressos utilizados pela UFBA, já que da sua estrutura fazia parte a Gráfica Universitária.

De imediato, identifiquei-me com a atividade gráfico-editorial e, de fato, cursei uma verdadeira escola na prática, pois tive oportunidade, nos três anos de estágio pelo Sistema Bolsa de Trabalho – programa de incentivo da Superintendência Estudantil –, de passar por todos os setores do CED: da pré-impressão (revisão, editoração, arte final) à atividade industrial propriamente dita: fotomecânica, impressão e acabamento.

Investi na participação em eventos técnicos na área, sobretudo nas Semanas Tecnológicas de Artes Gráficas realizadas pela Escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) – Theobaldo de Nigris, em São Paulo, ainda hoje a maior referência na América Latina na formação de mão de obra para a área gráfica e editorial.

Em 1979, quando concluí a graduação, fui contratada como professora colaboradora e ministrei a disciplina Editoração no curso de Comunicação, substituindo a Prof.^a Nívia Gouveia, que se encontrava licenciada. Nesse período, poucos saíam

para fazer mestrado ou doutorado, e eu, ainda muito jovem, não quis perder a oportunidade de continuar vinculada ao CED, fazendo o que mais gostava (livros), enquanto conciliava com a atividade docente. De 1981 a 1989, chefei o Núcleo de Recursos Didáticos do CED, coordenando a produção editorial-didática da UFBA, bem como o acompanhamento gráfico. Respondi pela direção do Centro quando do afastamento do seu diretor.

Em 1983, passei a fazer o acompanhamento gráfico e editorial de todo material impresso do Concurso Vestibular da UFBA, função executada até 1992.

No início dos anos de 1980, as editoras universitárias do Nordeste iniciaram um movimento com o objetivo de refletir o seu papel no contexto da universidade, bem como uma preocupação com a qualidade do que se publicava. Muitas editoras universitárias ainda não possuíam Conselho Editorial. Outra questão que se apresentava era relativa à circulação da produção das editoras. Em 1982, a Universidade Federal do Ceará (UFC) promoveu o I Encontro Nordestino de Editoras Universitárias, quando se discutiu a problemática do livro universitário, principalmente em relação à distribuição. Nessa ocasião, os editores universitários presentes decidiram criar uma sistemática de distribuição universitária do livro.

Esse intercâmbio entre as editoras do Nordeste – que, mais tarde, foi estendido às demais editoras universitárias de todo Brasil – foi um fator determinante para mudanças nos seus critérios de publicação e definição de uma política editorial voltada para o mercado, bem como a divulgação dos resultados de suas pesquisas. O livro universitário não estaria mais restrito aos *campi* das universidades; ele atingiria um mercado mais amplo. Houve, ainda, uma multiplicação dos pontos de vendas e livrarias, tornando-se uma alternativa que privilegiou obras nacionais, além de ter possibilitado a cada editora universitária avaliar sua produção em relação às demais, na forma e no conteúdo.

Esse Encontro Nordestino marcou o início de uma série de outras reuniões e seminários, tendo como objetivo discutir os problemas comuns e avaliar a nova sistemática de distribuição adotada, inicialmente, pelas editoras universitárias nordestinas. Importante papel foi desempenhado pelo Prof. Ailton Sampaio, primeiro coordenador geral do Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro (PIDL). Exerci informalmente o papel de assessora e substituta desse professor, acompanhei e participei ativamente de todas essas discussões e movimentos das editoras universitárias que resultariam na criação, em 1987, durante o Seminário Nacional de Editoras Universitárias na Universidade Federal de Goiás (UFG), da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu), da qual o PIDL passou a ser uma das coordenadoras. Em 1989, fui eleita coordenadora do programa, com um mandato de dois anos.

Em 1989, passei a ocupar o cargo de coordenadora do CED da UFBA, constituído pelos seguintes setores: Gráfica; Núcleo de Recursos Didático; Núcleo de Publicações; e Livrarias. Essa foi uma experiência decisiva para a minha carreira acadêmica e como gestora no setor público. Como primeira iniciativa no cargo, solicitei ao reitor Rogério Vargens a criação de uma comissão para estudar e avaliar os custos dos serviços gráficos no CED. A comissão foi presidida por mim e constituída por mais quatro membros: um professor da Escola de Administração, um professor da Escola de Economia, um servidor técnico-administrativo da Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (Proplad, atual Proplan) e a chefe da Gráfica. Durante seis meses de levantamentos e avaliações, a comissão apresentou e publicou os resultados que contribuíram para uma nova forma de cálculo para os orçamentos gráficos, considerando todos os insumos e seus valores reais, pois, desde que a gráfica foi implantada, nos anos de 1960, nenhum estudo havia sido realizado que se levassem em conta as mudanças tecnológicas e os novos insumos.

Outra ação importante foi a elaboração do *Manual de padronização de impressos para a UFBA*, trabalho iniciado em setembro de 1989 e concluído em janeiro de 1990 com o objetivo de racionalizar os impressos de rotina da instituição, padronizá-los em termos visuais e gráficos e adequá-los a um formato para melhor aproveitamento de papel. Esse trabalho serviu de modelo para outras instituições às vésperas da chegada das tecnologias que conduziram a universidade para a informatização.

Em 1989, participei como debatedora da palestra “Direito autoral” no VI Seminário Nacional das Editoras Universitárias, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Esse tema já me despertava interesse e foi retomado na minha dissertação. Nesse mesmo ano, publiquei o livro *Dinamizando o PIDL*, resultado de um levantamento das editoras universitárias, com o perfil de cada uma, bem como uma breve análise da dinâmica do PIDL.

Em 1990, proferi palestra sobre a “Distribuição e comercialização do livro universitário” no I Seminário Internacional do Livro Universitário da América Latina, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), demonstrando a minha preocupação com a difusão do conhecimento produzido no âmbito das universidades.

O árduo trabalho à frente do CED – uma unidade que conciliava atividade intelectual, industrial e comercial – não permitiu uma produção acadêmica regular. Publiquei no caderno de cultura do jornal *A Tarde*, de 7 de abril de 1990, o texto “Livro universitário: lixo ou luxo?”. Nessa época, as editoras, sobretudo as privadas, criticavam a atuação das editoras universitárias, acusando-as de “desperdício de recursos públicos”. Nesse artigo, fazia uma reflexão sobre a questão e defendia a importância das editoras universitárias como difusoras das pesquisas realizadas nas instituições.

Em 1991, participei como representante da universidade na Comissão Estadual de Publicações Oficiais (Cepo) e, através dessa comissão, elaborou-se o *Manual de Editoração – Publicações Oficiais do Estado da Bahia*. No ano de 1992, novamente no jornal *A Tarde*, publiquei “Gosto pelo livro começa na infância”. Esse texto teve solicitação de autorização para publicação pela editora Melhoramentos, de São Paulo, que veiculou o artigo no jornal da editora Entre Nós, que tinha nos professores de ensino médio de todo país o seu público-alvo. Em 1993, publiquei, ainda no jornal *A Tarde*, o artigo “Livro: despertar para uma grande paixão”.

Em 1991, fiz parte do grupo que fundou o Instituto Baiano do Livro (IBL), que exerceu importante papel na promoção do livro e da leitura. Por dois mandatos, de 1991 a 1993 e depois de 1993 a 1995, ocupei o cargo de vice-presidente do instituto, sendo o presidente o Prof. Sérgio Matos. Destacam-se nesse período a organização e a promoção de encontros anuais de editoração (num total de quatro edições), cursos de atualização na área editorial, debates sobre a indústria editorial da Bahia, oficinas de produção de criação literária e a I Mostra do Design Gráfico Editorial da Bahia. Outra ação pioneira dessa fase foi a organização do primeiro Seminário de Desktop Publish e as Novas Tecnologias Digitais, tecnologia que despontava com a consolidação dos PCs e o uso na área editorial através de *softwares* específicos.

Com a implantação do curso de Desenho Industrial – Programação Visual, fui convidada a integrar o seu corpo docente em função da minha especialização prática na área gráfico-editorial, sendo então lotada, a partir de janeiro de 1992, no Departamento de Desenho e Escultura da Escola de Belas Artes da UFBA acumulando a função, até agosto do mesmo ano, com a direção do CED. Desde 2009, o curso passou a ter a denominação de Design, abrangendo outras interfaces que não apenas a do *design* gráfico.

No curso, fui professora das disciplinas Desenvolvimento do Projeto de Programação Visual I; Materiais e Processos Gráficos; Supervisão de Estágio I e II; e Desenvolvimento do Projeto de Programação Visual IV, voltada para o planejamento gráfico-editorial. No momento, estou vinculada apenas à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na qual, além de dar orientação, ministro aulas de escrita e normas para o texto acadêmico.

Nunca perdi de vista a necessidade de me especializar formalmente. Essa trajetória se iniciou em 1994, com o curso de especialização em Produção Editorial organizado pela Fundação de Desenvolvimento do Servidor Público (Fundesp) – atual Fundação Luís Eduardo Magalhães – com o aval da Universidade Católica do Salvador (UCSal), que contou com um corpo docente de professores de Salvador e de São Paulo, particularmente da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo

(USP). A monografia que apresentei teve como tema *A editoração na Universidade Federal da Bahia* e o orientador foi o Prof. Ruy Aguiar, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Essa monografia foi um resgate histórico da difusão do conhecimento produzido na UFBA desde sua fundação, em 1946, além do papel do CED e outros setores da universidade que mantinham uma linha editorial, como o Centro de Estudos Afro-Orientais (Ceao), o Centro de Recursos Humanos (CRH), o Centro de Estudos Baianos (CEB), dentre outros. Realizei também um levantamento dos periódicos existentes, indicando os ativos. A metodologia usada foi a pesquisa documental, além de entrevistas com ex-dirigentes do CED e funcionários.

Paralelamente, realizei um levantamento preliminar das editoras baianas, cujo resultado foi publicado em pequena tiragem pelo IBL, instituição de relevante importância, criada em 1991, que surgiu pela iniciativa de profissionais responsáveis pela publicação e difusão de livros. Fiz parte das discussões e criação desse instituto, que, além de abrir diálogo com editoras, editores, gráficos e livreiros, agregou autores, promoveu palestras, encontros e oficinas, atuando na edição de obras de literatura infantil. Infelizmente, foi extinto e, mais tarde, retomou-se, com objetivos um pouco diferentes, a Câmara Bahiana do Livro (CBaL), de cuja diretoria fiz parte.

Em 1995, publiquei um livro infantil *Marina bailarina* como parte de um programa de estímulo à leitura de uma escola de *ballet* de Salvador.

Em 1997, assumi a coordenação do curso de Desenho Industrial, sendo responsável, juntamente a Prof.^a Diana Sepúlveda Tourinho, pela implantação do Núcleo de Criação, devidamente informatizado, no qual mantínhamos dois alunos bolsistas executando trabalhos de criação para órgãos e setores da UFBA. Além disso, durante o período, foram desenvolvidos dois projetos: a Agenda da UFBA, projeto voltado para os alunos ingressos na universidade, e o Ciclo de Palestras com profissionais da área, tendo como público-alvo os estudantes do próprio curso.

De fevereiro a junho desse mesmo ano, fiz parte da comissão designada pelo reitor Felipe Perret Serpa para elaborar um diagnóstico da Edufba, órgão criado em 1992 em substituição ao antigo CED de cujo projeto de elaboração da proposta de transformação em editora eu tinha participado. Ao finalizar o trabalho de diagnóstico, fui convidada pelo reitor para assumir a direção da editora. Por motivos de ordem pessoal, não aceitei o convite.

Em setembro de 1998, fui convidada pelo reitor Heonir Rocha para assumir a direção da Edufba. Sabia que esse seria um grande desafio, uma vez que, no ano anterior, quando participei da comissão de avaliação, percebi a fragilidade da estrutura, tanto física como de equipamentos, em função das tecnologias para área editorial, bem como de corpo técnico. Aceitei o desafio e, para tanto, tive apoio da gestão que se iniciava.

Esse retorno trouxe-me de volta a minha área de atuação. Nos últimos 21 anos à frente da Edufba, vivencio na prática a difusão do conhecimento gerado na universidade e a gestão desse órgão responsável pelas publicações da UFBA.

Após o mestrado, realizado em 2006, em Ciência da Informação, tenho me dedicado à pesquisa e à busca de soluções para ampliar essa difusão. Retomo agora o que foi recomendado na dissertação defendida *Pasta do professor: uso de cópias nas universidades de Salvador*, lançado em formato de livro em outubro pela Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal), com apresentação do coordenador nacional do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), José Castilho Marques Neto, também, na ocasião, presidente da Editora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). A dissertação ficou entre as dez finalistas do Prêmio Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib). O livro encontra-se esgotado, mas está disponível em acesso aberto no Repositório Institucional da UFBA (RI da UFBA), na comunidade da Escola de Belas Artes, como parte da minha produção científica.

De 1998 para cá, foram anos produtivos e com resultados positivos para a universidade com a ampliação do número de títulos publicados em primeira edição a cada ano. Até 1999, a Edufba publicava aproximadamente 15 livros por ano, com tiragem total inferior a 9 mil cópias. Em 2008, a editora publicou 65 livros, mas foi apenas em 2009 que alcançou uma centena de publicações anuais. Em 2011, contrariando as expectativas de que, devido às novas tecnologias, a venda de livros cairia, a Edufba alcançou um novo recorde: foram mais de 30 mil livros comercializados. O ano de 2012 foi marcado por uma ampliação no número de exemplares comercializados, perfazendo um total de 35.313 exemplares.

A partir de 2018, houve uma queda nas vendas dos livros por uma questão de mercado. As maiores redes de livrarias, Saraiva e Cultura, após um longo período de não pagamento aos seus fornecedores, pediram recuperação judicial. Desse modo, a maioria das editoras, sobretudo as de médio e pequeno porte, não teve mais condições de consignar livros com essas livrarias. Em 2019, a Edufba comercializou 27.043 exemplares se utilizando de outros canais, como livrarias próprias, pequenas livrarias e, sobretudo, participação em eventos.

Formei uma equipe de *designers* que são responsáveis pelo aspecto gráfico-visual dos livros, ex-alunos do curso de Design da UFBA que iniciaram suas atividades como bolsistas e, hoje, depois de formados, permanecem como funcionários, contratados e remunerados através do projeto financeiro da editora junto à Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão (Fapex).

Reforcei o setor de eventos com a contratação, via Fapex, de funcionário para atender não só à demanda de lançamentos, mas também a participação em eventos científicos, divulgando a produção da Edufba.

Em 2002, a editora retornou ao seu antigo espaço físico, no *campus* universitário em Ondina, após a extinção da gráfica. Esse foi outro momento importante para minha gestão, pois teríamos finalmente todos os setores funcionando num único local, com melhores instalações físicas e equipamentos. O setor reprográfico passou a funcionar junto à editora e possibilitou a implementação da impressão de livros por demanda de modo efetivo. Fomos pioneiros em adotar esse tipo de impressão entre as editoras universitárias.

Paralelamente, participei de inúmeras mesas, debates e seminários como palestrante e debatedora, tendo como tema central a produção das editoras universitárias e a difusão da produção científica universitária, não apenas no Brasil como também no exterior, particularmente em Guadalajara, México, no I Foro Internacional de Edición Universitaria, em 2005, com o trabalho “Planificación editorial universitaria en Brasil”, e em Buenos Aires, no Seminário Internacional de las Editoriales Universitarias el Siglo XXI, em 2004, com o trabalho “Editoras universitárias brasileiras”. Em 2007, participei do VI Congreso de Editores Universitarios de America Latina y el Caribe, realizado em San Jose, Costa Rica.

Em 2003, fui eleita presidente da Abeu para um mandato de dois anos, cuja gestão foi marcada pela ampliação da participação em eventos científicos com exposição e comercialização de livros das editoras associadas e a aquisição de sede própria em São Paulo. A Abeu participou de vários debates relacionados à construção do PNLL, da Câmara Setorial do Livro e da Leitura e da solenidade de assinatura da Lei de Desoneração Fiscal do Livro, assinada pelo então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva.

Como presidente da Abeu, participei de muitos eventos tendo como tema o livro universitário. Destaco: “Analisando o mercado livreiro brasileiro: como vemos e como queremos”, na Convenção Regional de Livrarias do Nordeste, em Fortaleza, em 2004; a coordenação de videoconferência do Viva Leitura em Salvador, em 2005; e a participação da Reunião Anual do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (Crub), em que apresentei um panorama da editoração universitária e foi assinado um termo de cooperação entre a Abeu e o Crub, em Fortaleza, em 2005. Concluí essa gestão com a aquisição de uma sede própria para a associação, que permanece, até esta data, na cidade de São Paulo, onde mantemos a memória documental e um secretário executivo.

Em 2005, fui convidada a continuar na diretoria da Abeu, mas optei por ocupar o cargo de vice-presidente, iniciando o segundo mandato para o biênio 2005-2007.

Continuo defendendo os mesmos princípios, sobretudo a ampliação da visibilidade da produção das editoras universitárias e o acesso livre à produção científica das universidades. No entanto, em 2009, voltei a ocupar a presidência da Abeu, cumprindo mandato até 2011. Foi um período desafiador e de muitas lutas. Mas, graças à atuação exitosa do nosso vice-presidente, João Canossa, editor da Editora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), conseguimos vencer as inúmeras barreiras. Não mais me afastei da diretoria da Abeu e ocupei diferentes funções: diretora de eventos, secretária e, desde 2015, iniciando em 2019 o terceiro mandato, ocupo a diretoria de Comunicação. A associação conta com um jornalista, assessor de Comunicação, e, juntamente com ele, coordeno as atividades e o crescimento da visibilidade da Abeu que mantém um *site*, perfis no Facebook e no Instagram e uma *newsletter* semanal, *Abeu em Rede*.

18

Os anos de 2005 e 2006 foram dedicados ao mestrado em Ciência da Informação na UFBA, cursado paralelamente a minha atividade como diretora da Edufba. Produzi dois capítulos de livros: “A produção editorial e as editoras universitárias”, no livro *Organização e produção da cultura*, organizado por Linda Rubim e editado pela Edufba em 2005; e “Universitas: revista de cultura da Universidade Federal da Bahia, 1968-1991”, no livro *O ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções*, organizado por Kátia Carvalho, também editado pela Edufba, em 2006. No mesmo período, alguns trabalhos foram apresentados em eventos, como o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade (Intercom), o Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura (Enlepicc) e o Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação (Cinform), tendo como tema a questão do uso de cópias nas universidades, objeto de estudo do mestrado.

No ano de 2006, fui convidada pela Universidade Salvador (Unifacs) a prestar consultoria visando a implantação da editora dessa instituição. O diagnóstico e a proposta foram entregues em forma de relatório, com uma análise das atividades editoriais já realizadas, análise dos periódicos ativos e orientações para implantação da Editora da Unifacs. Até o momento, a implantação não ocorreu por questões administrativas internas, mas há uma conscientização e uma melhoria de qualidade do que hoje é publicado e que leva o nome da instituição. Mais uma consultoria foi realizada com essa finalidade, em 2012, para a Universidade Tiradentes (Unit), com sede em Aracaju e unidades no interior de Sergipe, Recife e Maceió. Essa editora está ativa e com um catálogo com cerca de 120 títulos publicados. Em 2015, foi a vez da Editora da UNEB (Eduneb): com o objetivo de apresentar um diagnóstico e proposições para a editora, a consultoria foi cumprida, dividida em três etapas: diagnóstico, proposições e capacitações.

Uma importante realização no ano de 2007 foi o encaminhamento do projeto para a Coleção Sala de Aula, que já consta de oito títulos contemplados. Para sua implantação, contamos com dois bolsistas do Projeto Permanecer da UFBA, projeto esse ampliado em 2008 com a participação de quatro bolsistas do mesmo programa. Hoje, não mais vinculada ao Projeto Permanecer, a coleção continua ativa.

A Edufba tende a ampliar o número de títulos publicados, bem como os comercializados. No entanto, a dimensão territorial brasileira, a dificuldade de acesso e a redução do número de livrarias nos levam a implementar outras formas de ampliação da difusão do conhecimento produzido na universidade. O meu projeto de doutorado conduz ao uso das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) através do acompanhamento da implantação do RI da UFBA, objetivando ampliar a visibilidade e o acesso à informação.

O doutorado, iniciado em 2008, orientado pelo Prof. Dr. Marcos Palacios, teve como tema *A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do seu Repositório Institucional: uma política de acesso aberto* e foi pontuado por realizações extremamente positivas para o andamento da pesquisa proposta. Em junho de 2008, fiz uma visita técnica à Universidade do Minho (UMinho), onde conversei com o Dr. Eloy Rodrigues, diretor do Centro de Documentação e idealizador do projeto de implantação do RI na UMinho, a quem apresentei a proposta do projeto para a UFBA, bem como com o funcionário que trabalha como *help desk* do sistema. Em final de 2009, retornei à UMinho para cumprir um estágio doutoral, tendo como coorientadora a Prof.^a Dr.^a Maria João Gomes. Além da coorientação, organizamos um livro que foi submetido à Edufba e publicado em 2010, *Repositórios institucionais: democratizando o acesso ao conhecimento*, que rapidamente se esgotou, mas está disponível em acesso aberto.¹ Anteriormente, em 2009, já havia participado da organização de um outro livro com a mesma temática, juntamente com Luis Sayão, Lídia Maria Batista Brandão Toutain e Carlos Henrique Marcondes – *Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação*.²

Em abril de 2011, defendi a minha tese já com a implantação do RI cumprida, fato ocorrido em setembro de 2010, com a presença do Eloy Rodrigues, que ministrou palestra sobre o Movimento de Acesso Aberto. Em 2011, o RI da UFBA recebeu uma premiação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

1 Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/616/3/Repositorios%20institucionais.pdf>.

2 Disponível em:

https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/473/3/implantacao_repositorio_web.pdf.

(Ibict), por ter sido o RI como o maior número de artigos científicos disponibilizados. Esse destaque só foi possível graças ao apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa, Criação e Inovação (Propci), que disponibilizou uma equipe de estagiários, coordenada pelo Prof. Rodrigo Meirelles, para povoar, naquele momento, o RI, que dispunha até então de duas comunidades-piloto: a Coleção da Editora da UFBA e a Coleção Memória.

Em 2011, tive a satisfação de ser autora de dois capítulos no livro *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*, organizado por Aníbal Bragança e Márcia Abreu, publicado pela Editora Unesp, em 2012, que foi o vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Comunicação.

Recebi, em 2017, a Medalha Rubén Bonifaz Nuño pelo “Reconocimiento al Editor Universitario”, destacada entre os editores universitários da América Latina e Caribe, título que muito me honrou por ter sido avaliada pela minha trajetória profissional e acadêmica no âmbito da edição universitária. A premiação foi recebida na Cidade do México, durante a Feira Internacional do Livro, organizada pela Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). Mais duas homenagens recebi: em 2007, Profissional Homenageado pela Abeu; em 2012, a Medalha Ranulpho Oliveira, da Associação Bahiana de Imprensa (ABI).

Destaco a oportunidade de representar a Edufba em importantes feiras internacionais do livro, como a de Guadalajara (México), a de Bogotá (Colômbia) e a de Frankfurt (Alemanha). Em todas, participamos dos estandes coletivos da Abeu e, como membro da diretoria da associação, de mesas cuja temática era a edição universitária.

Não poderia deixar de ressaltar professores, pesquisadores e teóricos que fizeram e ainda fazem parte desta trajetória: Ailton Sampaio, ainda que tenha tido uma passagem polêmica em um determinado reitorado da UFBA, foi o professor que me conduziu ao mundo gráfico-editorial; os professores e poetas Ruy Espinheira e Florisvaldo Matos, por tão bem tocar na nossa sensibilidade e nos conduzir a tornar o nosso texto jornalístico mais “poético”, quando possível, se é que pode haver poesia no texto jornalístico – mas a percepção e o uso da linguagem mudaram para mim! –; Prof. Paulo Lima, sempre uma inspiração pela criatividade e dinâmica, incansável, com anos de convivência e, na atualidade, parceria permanente nas “aventuras” editoriais; Prof. Othon Jambreiro, pois, desde que fui sua aluna na disciplina Prática do Jornalismo II, entendi o que é ser um mestre! Fez parte de muitos momentos da minha carreira, sempre incentivando e reconhecendo cada degrau dessa caminhada acadêmica; o Prof. Albino Rubim, que também me acompanhou da graduação ao doutorado, com quem muito aprendi sobre a área da cultura; o Prof. Nelson Pretto, que me despertou para o mundo do acesso livre; por fim, destaco o Prof. Marcos Palacios, que me conduziu na trajetória do doutorado, com aprendizado e cumplicidade no desafio que foi a minha pesquisa, que fugia dos padrões de uma tese apenas

teórica e culminava numa realização prática deixada como legado para UFBA. Foram muitos(as) professores(as) que me inspiraram e cujas pesquisas foram lidas e usadas nas minhas pesquisas. Sintam-se todos gratificados por mim, pelos ensinamentos, condutas, parcerias, colaboração...

Das leituras realizadas, destaco os teóricos que contribuíram para ampliar a minha visão dos temas sobre os quais tornei-me especialista: Bruno Latour, Peter Burke, Pierre Lévy, Arthur Jack Meadows, Roger Chartier, Lindsay Waters, Yves-François La Coadic, Susana Mueller, John B. Thompson, Manuel Castells, John Ziman. São leituras que ajudam a alicerçar as minhas pesquisas.

Concluindo essa trajetória, atualmente, além de vinculada ao Departamento II – Expressão Gráfica e Tridimensional, da Escola de Belas Artes, faço parte, desde 2015, do Programa Estudos Interdisciplinares sobre Universidade (Eisu), do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (Ihac), da UFBA, no qual orientei cinco dissertações que já foram defendidas e duas que estão em andamento. Faço parte do Grupo de Pesquisa Saberes e Fazeres em Informação e Conhecimento (Geinfo), liderado pela Prof.^a Dr.^a Nídia Lubisco, do Instituto de Ciência da Informação, pela pertinência com a minha área de pesquisa.

Represento a UFBA no comitê gestor do Scientific Electronic Library Online (SciELO) Livros e fiz parte da sua implantação, uma vez que a Edufba foi convidada a fazer parte do projeto piloto. O lançamento desse projeto ocorreu em 30 de março de 2012. Foi liderado e financiado por um consórcio formado pelas editoras da Unesp, da UFBA e da Fiocruz, que continuam na liderança da operação regular do SciELO Livros. A execução do SciELO Livros é apoiada pela Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo (FapUnifesp).

Em 2017, passei a ocupar a Diretoria de Comunicação da Abeu, na qual permaneço até esta data (2020). No ano de 2019, tornei-me membro da Academia de Ciências da Bahia. Tenho experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Científica, universidade, atividade editorial, acesso à informação e editoração. Possuo artigos publicados em livros e revistas científicas nacionais e internacionais, assim como trabalhos apresentados em eventos acadêmicos dedicados à comunicação e à editoração.

A organização do livro *Editoras universitárias: estratégias de gestão* (2019), juntamente com Rita Virginia Argollo, atual presidente da Abeu e diretora da Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), a Editus, com cerca de dez capítulos, dentre os quais exerço coautoria de um, não poderia ser uma das melhores formas de celebrar essa passagem para professora titular. Essa temática me alicerçou e conduziu ao longo da minha vida acadêmica e associativa.

Por fim, tenho uma pesquisa em andamento: “Leitura na universidade ante as tecnologias digitais: significação e novas práticas”, cujo projeto de pesquisa foi apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNEB e aprovado para o pós-doutorado sob a supervisão do Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza.

Tendo sido, ao longo dessa trajetória, sujeito participativo da maioria das iniciativas e ações na área gráfico-editorial da UFBA, afirmo que são caminhos que se entrelaçam e, portanto, eu não poderia me omitir de contar e registrar uma história que com certeza fará parte da memória da UFBA e servirá de dado de pesquisa para outros que, como eu, sintam-se comprometidos com a instituição da qual fazem parte e onde viveram todo o seu caminhar acadêmico e profissional.

E sigamos entrelaçando!

A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

CAMINHOS ENTRELAÇADOS

As universidades são responsáveis por produzir grande parte da comunicação científica através das pesquisas realizadas, o que exige sistematização, promoção e difusão. É necessário socializar o saber resultante dessas pesquisas e dispor de canais que articulem a comunicação entre a universidade – que produz a informação, a ciência, a tecnologia e a arte – e a sociedade, que financia as instituições públicas.

De acordo com Ziman (1979, p. 24), “Ciência é conhecimento público”. Meadows (1999, p. vii), no prefácio do seu livro *Comunicação científica*, seguindo essa mesma linha de pensamento, afirma que “A comunicação situa-se no próprio coração da ciência”, significando que tão importante quanto a pesquisa em si é a sua disseminação. A divulgação dos resultados das pesquisas não interessa apenas ao Estado, como financiador, mas sim à sociedade e a pesquisadores, estudiosos, discentes, docentes e ao público em geral, uma vez que a publicação de resultados e o compartilhamento do trabalho científico contribuem para o desenvolvimento da ciência, graças ao alargamento dos limites do conhecimento, e, assim, para ampliar outras pesquisas, até mesmo servindo como ponto de partida para novas. Esse movimento de disseminação da produção científica é primordial ao avanço científico.

Para Volpato (2002, p. 72), a pesquisa não publicada é uma irresponsabilidade social: “[...] o conhecimento passa a ser científico quando aceito por parcela significativa da comunidade científica, então nossa produção não publicada não significa nada. E após ser publicada precisa ainda ser encontrada, lida, entendida e aceita”.

Há um fluxo da informação que é, portanto, indispensável à ciência e resulta, na maioria das vezes, em inovação. De acordo com Le Coadic (2004, p. 27):

[...] as atividades científicas e técnicas são o manancial de onde surgem os conhecimentos científicos e técnicos que se transformarão, depois de registrados, em informações científicas e técnicas. Mas, de modo inverso, essas atividades só existem, só se concretizam, mediante essas informações. A informação é o sangue da Ciência. Sem informação, a Ciência não pode desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento. Fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente.

É nesse contexto da comunicação científica que as universidades estão inseridas. Menzel (1958, p. 6, tradução nossa) definiu comunicação científica como: “[...] a totalidade das publicações, recursos, oportunidades, sistemas institucionais e costumes que afetam a transmissão direta ou indireta de mensagens científicas entre os cientistas”.¹ O autor faz uma síntese das funções da comunicação científica, realçando o seu papel para o desenvolvimento da ciência e das atividades dos cientistas. São elas:

(1) fornecer respostas a perguntas específicas; (2) contribuir para a atualização profissional do cientista no campo específico de sua atuação; (3) estimular a descoberta e a compreensão de novos campos de interesse; (4) divulgar as tendências de áreas emergentes, fornecendo aos cientistas ideia da relevância de seu trabalho; (5) testar a confiabilidade de novos conhecimentos, diante da possibilidade de testemunhas e verificações; (6) redirecionar ou ampliar o rol de interesse dos cientistas; e (7) fornecer feedback para aperfeiçoamento da produção do cientista.² (MENZEL, 1958, p. 6, tradução nossa).

Foi Garvey (1979, p. ix, tradução nossa), no entanto, quem estabeleceu, através de seus estudos, o fundamento da comunicação científica, que, para ele:

Inclui todos os espectros das atividades associados à produção, disseminação e uso da informação a partir do momento que o cientista tem a ideia para

1 “[...] the totality of publications, facilities, occasions, institutional arrangements, and customs which affect the direct or indirect transmission of scientific messages among scientists”.

2 “(1) providing answers to specific questions; (2) helping the scientist to stay abreast of new developments in his field; (3) helping him to acquire an understanding of a new field; (4) giving him a sense of the major trends in his field and of the relative importance of his own work, (5) verifying the reliability of information by additional testimony; (6) redirecting or broadening his span of interest and attention; and (7) obtaining critical response to his own work”.

sua pesquisa, até as informações sobre os resultados desta pesquisa para que estes sejam aceitos como um componente do conhecimento científico.³

De acordo com Targino (1998, p. 22), “[...] a comunicação científica possibilita que a soma dos esforços individuais dos membros da comunidade científica, através da troca de informações, denote um ciclo inesgotável de recepção e transmissão de dados”. Os artigos publicados nos periódicos e livros são usados como indicadores do desenvolvimento científico de um país ou região, bem como do grau de desenvolvimento de uma determinada área do saber. Indicam ainda o desempenho individual de um cientista ou instituição de pesquisa, reforçando certas especificidades da comunidade científica.

Ao longo da história, houve mudanças significativas no modo e nos suportes de transferência de informação e do processo de comunicação. No século XX, no contexto da Sociedade da Informação (SI) que emerge, as influências dos avanços tecnológicos nas relações de poder destacam a informação como ponto central. De acordo com Castells (2003, p. 119), a “[...] emergência de um novo paradigma tecnológico organizado em torno de novas tecnologias da informação, mais flexível e poderosa, possibilita que a informação se torne o produto do processo produtivo”. As tecnologias são utilizadas pelas pessoas em seus ambientes sociais, econômicos e políticos, criando uma comunidade local e, ao mesmo tempo, global. As novas condições tecnológicas desse período fizeram surgir uma forma específica de organização social em que a gestão, o pensamento e a transmissão de informações tornam-se as fontes fundamentais de produção e poder, afirma Castells (2003).

As universidades e instituições científicas estão inseridas nesse contexto como produtoras e disseminadoras de conhecimento e informação, contribuindo para o desenvolvimento tecnológico e científico. O advento da SI e o desenvolvimento das TICs, em especial a internet, em meados dos anos de 1990, criaram paradigmas no que diz respeito ao novo meio de disseminação da informação: “[...] ao lado do encantamento do novo espaço cultural eletrônico contrapõem-se à sua face mais cruel.” (TARGINO, 1998, p. 24). Como a globalização não ocorre equitativamente, ela acentua a desigualdade de poder entre os países do centro e os periféricos, sendo que esses últimos correm o sério risco de que o avanço tecnológico signifique a superação a serviço do lucro e da dominação apenas. Desse modo, os impactos sociais das inovações tecnológicas envolvem aspectos econômicos da produção e distribuição

3 “includes the full spectrum of activities associated with the production, dissemination, and use of information from the time the scientist gets the idea for his research until information about the results of this research is accepted as a constituent of scientific knowledge”.

da informação, embora essas tecnologias tenham sido invitadas pelas doutrinas da construção de uma hegemonia mundial.

A UFBA está inserida nesse contexto. Possui 70 mestrados acadêmicos, 15 mestrados profissionais e 58 doutorados (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2019), nas diversas áreas do conhecimento, dos quais resultam grande parte da pesquisa desenvolvida na instituição (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2018), sendo a terceira universidade do Nordeste na categoria universidades brasileiras.

Os canais para a disseminação da produção científica, acadêmica e artística da universidade têm se ampliado, mas ainda há um descompasso entre a produção e o que é de fato disseminado. Dentre esses canais, destacam-se o Portal de Periódicos,⁴ a Edufba⁵ e o RI.⁶

A trajetória, sobretudo da Edufba e da área editorial da universidade, será a ênfase deste memorial, embora os demais canais de disseminação façam parte desse “entrelaçamento”.

Breve panorama histórico da editoração na Bahia

A Bahia, rica em tradições culturais e berço de importantes nomes da literatura nacional, não possui, até o momento, um lugar de destaque no mercado editorial brasileiro. São muitos os autores baianos que enriquecem os catálogos das editoras nacionais e alguns que são publicados em vários outros países, representados, dentre outros, por Ruy Barbosa, Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro.

Além da “ousadia” de Pinto de Aguiar com a Livraria Progresso Editora, fundada em 1945 e extinta em 1960, o que tivemos, por muito tempo, foram algumas iniciativas oficiais, representadas sobretudo pela UFBA, e um número de escritores responsabilizando-se por suas próprias edições, as chamadas “edições de autor”.

Uma breve e resumida história da editoração na Bahia se inicia sob a liderança do empresário português Manoel Antônio da Silva Serva, que começou suas atividades gráfico-editoriais em 13 de maio de 1811 com a inauguração da “[...] tipografia e distribuiu o folheto que anunciava, para o dia seguinte, a estreia do *Idade d’Ouro no Brazil*, primeiro periódico impresso em território baiano.” (TAVARES; ROSA, 2010, p. 221, grifo do autor). A trajetória editorial de Serva foi destacada pela publicação de cerca de 170 títulos. A temática que prevalecia era relacionada, sobretudo,

4 Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/>.

5 Disponível em: www.edufba.ufba.br.

6 Disponível em: www.repositorio.ufba.br.

a História, Política, Direito, Religião e Medicina, atendendo à demanda da Faculdade de Medicina da Bahia. “Problemas políticos e econômicos causaram um declínio geral no comércio local, inclusive na produção editorial. Este declínio se acentuou em seguida, com a morte de Silva Serva, o maior e mais importante editor e livreiro da Bahia, naquele período.” (BARROS, 2006, p. 11).

Destaca-se, entre as primeiras livrarias-editoras, a fundada em 1835 por Carlos Poggetti, que, em 1850, passou também a publicar e que “[...] viria a ser Livraria Catilina, que funcionou durante 125 anos. Também há indícios da existência da Tipografia e Livraria de Epiphanyo Pedroza, em meados do século XIX.” (BARROS, 2006, p. 11). A Livraria Catilina funcionava na Rua Santos Dumont, na Cidade Baixa, próxima à Ladeira da Montanha.

Sobre a Livraria Catalina, Hallewell (2005, p. 134, grifo do autor) destaca a importância das obras literárias publicadas:

[...] as *Poesias até Agora não Reunidas em Volume*, de Castro Alves (1913), os *Contos Escolhidos* (1913, reeditados em 1914), *Varsas* (1915) e *Frutos do Tempo* (1919), de Coelho Neto, as *Páginas Literárias* (1918) e as *Cartas Políticas e Literárias* (1919) de Ruy Barbosa, e a 3ª edição de *Praieiros* (1910?), de Xavier Marques. A firma publicou também os trabalhos legais de Ernesto Carneiro Ribeiro.

Destaca-se, já no início dos anos 1900, a atuação dos monges beneditinos que fundaram, no Mosteiro da Graça, uma oficina tipográfica para publicação de *O estandarte católico*. Em 1909, foi instalada a tipografia do Mosteiro de São Bento pelo abade Majolo de Caygny, sendo sua primeira publicação o livro *A vida de São Bento*, em edição de 5 mil exemplares. Essa tipografia exerceu um importante papel no que diz respeito a edições primorosas que podem ser admiradas na biblioteca desse mosteiro. Destaca-se a atuação do Irmão Paulo Lachenmayer, que nasceu na Alemanha, era arquiteto, escultor, ilustrador, *designer* gráfico e heraldista. Criou vários brasões, dentre eles o da UFBA, o da UCSal e o do Museu de Arte Sacra (VEIGA, 2019).

Vale mencionar a criação da Imprensa Oficial do Estado (IOE), em 1915, que posteriormente denominou-se Imprensa Oficial da Bahia (IOB). Tinha como objetivo primeiro publicar o *Diário Oficial*, mas dedicou-se desde o início à publicação também de livros. De 1915 a 1989, foi um período fértil e bastante produtivo no que diz respeito à produção editorial da IOB. No Quadro 1, apresenta-se um resumo das gestões da Imprensa Oficial.

Quadro 1 – Gestões da Imprensa Oficial da Bahia/Empresa Gráfica da Bahia

PERÍODO	GESTOR	CARACTERIZAÇÃO
1915 a 1935	José de Aguiar Costa	Publicação de cerca de 200 títulos, incluindo documentos oficiais.
1959 a 1965	Milton Santos	Lançamento das seguintes publicações: <i>Revista da Bahia</i> , <i>Revista Tule</i> e Coleção Tule. Divulgava a literatura baiana através de autores como: Vasconcelos Maia, Nelson de Araújo, Clarival do Prado Valadares, Wilson Rocha, dentre outros.
1965 a 1987	José Curvelo	Gestor por dois períodos, intercalados pela gestão de Junot Silveira. A IOB passou para nova sede e recebeu novos equipamentos. Com alta produção de livros de ficção, Tavares (1991, p. 43) faz a seguinte observação: “O período está marcado por uma extensa lista de livros de ficção (63 títulos), muitos dos quais – e entende isso quem conhece um pouco da tessitura das relações sociais baianas – são frutos de gentilezas entre amigos”.
1987 a 1989	Othon Jambeiro	Retoma de algumas ideias da gestão de Milton Santos e reconstitui uma equipe editorial de profissionais, integrada por programadores visuais e jornalistas, tendo como propósito consolidar a já Empresa Gráfica da Bahia (EGBA) como editora.

Fonte: adaptado de Rosa e Barros (2004).

Após esse período editorial produtivo, a EGBA, órgão vinculado à Secretaria do Governo do Estado da Bahia, com personalidade jurídica de direito privado, patrimônio próprio, autonomia administrativo-financeira e capital exclusivo do Estado, dedica-se a publicar atos dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário do Estado através do *Diário Oficial* e atende às demais demandas do Estado que necessitam de serviços gráficos, não dispondo ainda hoje de atividade editorial própria, dedicando-se apenas à atividade gráfica.

O empreendimento do empresário e professor Manoel Pinto de Aguiar, iniciado na segunda metade da década de 1940 e encerrado por volta de 1960, em parceria com a UFBA (1957), resultou em 450 títulos publicados em 16 anos. Num levantamento das editoras privadas existentes nos anos de 1950 a 1990, temos o seguinte, por ano de fundação:

- Década de 1950: Dinamene, Mensageiros da Fé, Artes Gráficas, Macunaíma e Departamento Cultural da UFBA;
- Década de 1960: O ViceRey, Editora Cimape, Editora Itapuã e Editora Janaína;
- Década de 1970: Editora Corrupio;
- Década de 1980: Editora Contemp, Edições Ianamá e Editora Marfim;
- Década de 1990: Ágalma, Casa da Qualidade, Casa de Palavras e Edufba.

Em levantamento realizado por mim, juntamente com Zobiak, em 1992, através do Instituto Baiano do Livro (IBL), apresentou-se o seguinte resultado: dez editoras privadas e sete órgãos públicos desenvolviam alguma atividade editorial (Quadro 2).

Quadro 2 – Atividade editorial na Bahia nos anos 1992

EDITORAS PRIVADAS	ÓRGÃOS PÚBLICOS
Círculo de Estudo Pensamento e Ação (Cepa)	Fundação Cultural do Estado da Bahia
Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro	Centro de Estudos Baiano (UFBA)
Editora do Brasil na Bahia	Centro de Recursos Humanos (UFBA)
Editora Ciência Jurídica	Centro de Estudos Afro-Orientais (UFBA)
Editora Fator	Centro Editorial e Didático (UFBA)
Casa de Palavras (Fundação Casa de Jorge Amado)	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)
Edições Ianamá	Assembleia Legislativa do Estado da Bahia
Editora Marfim	–
Editora Corrupio	–
Editora Contemp	–

Fonte: adaptado de Rosa e Zobiak (1992).

Desse período, apenas a Editora Corrupio continua ativa; o selo Casa de Palavras da Fundação Casa de Jorge Amado edita esporadicamente; e, dos órgãos públicos, a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia (Alba) continua publicando e distribuindo gratuitamente a sua produção e a SEI publica edições com dados relativos ao estado da Bahia.

Em 2004, um novo levantamento foi realizado por Barros (2007, p. 277) no âmbito do Grupo de Estudos de Políticas de Informação, Comunicações e Conhecimento

(Gepicc), na ocasião liderado pelo Prof. Othon Jambeiro, contemplando apenas Salvador, e resultou em 11 editoras privadas: Ágalma Editora, P555 Designers Gráficos e Edições, Casa de Palavras (Fundação Casa de Jorge Amado), Editora Helvécia, Editora Calandra, Edições Cidade da Bahia, Casa da Qualidade Editora, Editora Contexto e Arte Editorial, Livraria e Editora Alvorada, Editora Corrupio e Maianga Produções Culturais; cinco editoras universitárias: Eduneb, Edufba, Editora das Faculdades Integradas da Bahia (FIB), HR Editora (Faculdade Hélio Rocha) e Editora da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC); quatro órgãos públicos que mantinham uma linha editorial: Secretaria da Cultura e Turismo (Secult), SEL, Fundação Cultural do Estado da Bahia e Alba Editorial.

Alguns fatores contribuíram para essa configuração e fragilidade do setor gráfico-editorial em Salvador, sendo que muitos fatores persistem até a contemporaneidade (ROSA; BARROS, 2004):

30

- Produção editorial marcada pelo entusiasmo de grupos de intelectuais e artistas;
- Poucos investimentos por parte de iniciativa privada;
- Direcionamento de linhas editoriais para autores e temas baianos;
- Falta de uma política local para o livro;
- Região não exhibe tradição industrial;
- Baixo poder aquisitivo da população;
- Índices elevados de analfabetismo;
- Falta de profissionalização do processo produtivo.

Dados atuais indicam seis editoras universitárias, sendo quatro de universidades estaduais e duas de universidades federais: a Eduneb, a Editus, a Editora da Universidade do Sudoeste da Bahia (Eduesb) e a Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS Editora); Edufba e Editora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Edufrb). Bastante coesas nas suas ações, integram a Abeu e, portanto, compartilham experiências e eventos e coeditam.

Quanto às editoras privadas, de um total de 29, apenas cinco têm sede em cidades do interior da Bahia, e a configuração é a seguinte: Editora Mondrongo (Itabuna), Via Litterarum (Itabuna), Casarão do Verbo (Anajé), Editora Todas As Falas (Porto Seguro), Editora Galinha Pulando (Vitória da Conquista); e, da capital, Editora Caramurê (Epp), Pinaúna Editora, Oguns Toques Editora, Editora Humanidades, Editora Kawo Kabyesile, Editora Corrupio, Selo Editoria Paralelo 13s, Gato Preto, Editora Organismo, Pantim Editora, Duna Editora, Ágalma Editora, P555 Designers

Gráficos e Edições, Grupo Smartins, Casa de Palavras (Fundação Casa de Jorge Amado), Quarteto Editora, Editora Kalango, Editora Vento Leste, Solisluna Design e Editora Ltda, Editora Cedraz, Editora Pimenta Malagueta, Editora Ômnira, Cogito Editora e Comunicação Ltda e Língua Solta Editora.

Duas são vinculadas a órgãos públicos: Selo Editorial Castro Alves (Câmara Municipal de Salvador) e Alba Editorial.

O momento atual da editoração na Bahia tem se caracterizado pelas festas e feiras literárias. Cerca de 29 delas estão cadastradas na Fundação Pedro Calmon e ocorrem ao longo do ano, em várias cidades do interior da Bahia, bem como em Salvador, inspiradas na Feira Literária Internacional de Paraty (Flip), que surgiu com o objetivo de “[...] promover em Paraty, cidade distante das capitais, uma experiência de encontro permeada pelas artes. Desde 2003, quando estreou em um espaço improvisado com pouco mais que 20 autores convidados, a Flip se conectou intimamente ao território que a recebeu”.⁷ A primeira delas surgiu em Feira de Santana, em uma parceria da UEFS com Prefeitura e Governo do Estado. Ocorre em uma praça central da cidade e, neste ano de 2020, se realizará a sua 13ª edição. Seguindo o “modelo” e com “inspiração” da Flip, a Festa Literária Internacional de Cachoeira (Flica), que acontece em Cachoeira, cidade histórica do Recôncavo Baiano, desde 2010, celebrará dez anos de realização.

Esses eventos são, na sua maioria, organizados por empresas e/ou organizações privadas, mas contam, além dos patrocinadores, com recursos financeiros do Estado através, geralmente, de leis de fomento ou mesmo apoio direto. Outras são organizadas por prefeituras e secretarias de educação dos municípios, e uma delas, a Feira Literária de Mucugê (Fligê), recebe emenda parlamentar para sua realização. Destaco que duas editoras universitárias são organizadoras de feiras literárias em seus municípios: a Editus, em Ilhéus, e a Eduefs, em Feira de Santana.

Essa modalidade de evento tem contribuído para ampliar a circulação do livro, sobretudo em cidades onde não há livrarias. Na minha análise, é preciso privilegiar o autor local e rever a ênfase, muitas vezes em *shows* musicais em detrimento da festa realmente literária.

É nesse contexto que a produção editorial da UFBA vem procurando se firmar não apenas em eventos locais, mas no Rio de Janeiro, São Paulo e até mesmo em outros países, difundindo os conhecimentos gerados no âmbito da instituição por meio de veículos culturalmente duradouros: livros, revistas e outros.

7 Disponível em: <https://www.flip.org.br/historico/>.

Embora fazendo parte de uma instituição editorial pública, os caminhos também se entrelaçam quando a causa está vinculada ao livro, seja para defendê-lo, seja para promovê-lo. Com o espírito que desenvolvi de trabalhar para o coletivo, como dito anteriormente, e para seguir uma cronologia, participei em 1991 da criação do IBL, que permaneceu ativo até 1997, sendo uma entidade que congregou autores, editores, livreiros, distribuidores e gráficos de forma voluntária, sem fins lucrativos, e que realizou uma série de atividades, encontros e seminários tendo o livro e a área editorial como temática. Em seguida, foi reativada uma antiga entidade, a CBaL, que também congregou a classe editorial da Bahia, promoveu eventos e representou as editoras baianas em negociações com a Secult para participações nas bienais e outras ações. Infelizmente, por reflexo da própria dinâmica da indústria editorial baiana com um número de editoras que sofre descontinuidade, essas entidades do livro por si só não conseguiram se manter para desempenhar o papel que lhes caberia como representantes de uma determinada classe.

A luta por espaço na participação em eventos, como as feiras literárias, fez parte da dinâmica para reverter situações que resultavam na ausência das editoras baianas, em particular a Flica e Festa Literária Internacional do Pelourinho (Flipelô). Fazer a gestão junto aos organizadores desses eventos, que assinam exclusividade com uma livraria local, que infelizmente não representa as editoras baianas, requereu habilidade e convocação de alguns editores para participar desse movimento, que foi vitorioso.

A participação na construção do Plano Estadual do Livro e Leitura (Pell),⁸ aprovado através do Decreto nº 15.303, de 28 de julho de 2014, foi uma oportunidade de contribuir para que o estado da Bahia estabelecesse diretrizes para uma política voltada para o livro, a literatura, a leitura e as bibliotecas. Não é tarefa fácil colocar em prática um plano dessa natureza, mas foi dada a largada...

A luta é permanente. Há dois anos, presenciaram-se o fechamento de livrarias das maiores redes nacionais e o pedido de recuperação judicial dessas redes, que têm dívidas astronômicas com as grandes editoras, que, por outro lado, formam hoje conglomerados adquiridos por grupos estrangeiros. Mesmo com esse cenário, resistem as pequenas editoras e as editoras universitárias, que hoje estão filiadas a Abeu – contabilizam-se 127. No Rio de Janeiro, em São Paulo e um pouco em Belo Horizonte, há uma valorização das livrarias de rua em contraponto às *mega stores* que ocupam os principais *shoppings* do país, mas afastam os verdadeiros amantes dos livros. Falta atendimento especializado, falta aconchego, falta encontrar o livro

8 Ver em: http://www.fpc.ba.gov.br/arquivos/File/Legislacao/PLANO_ESTADUAL_DO_LIVRO_LEITURA_PELL_BAHIA.pdf.

que não está na lista dos mais vendidos... Falta aproximar o leitor do livro e entender que o papel da livraria vai além de prateleiras cobertas de livros.

Papel da editora universitária

A crise enfrentada pelas universidades brasileiras não lhes tirou o mérito de “promotoras do saber”, já que é no âmbito das instituições de ensino superior que se desenvolve a maior parte da pesquisa nacional. Se, porém, essas atividades se mantêm restritas a um número reduzido de indivíduos, perdem-se de seus objetivos. É preciso encontrar caminhos para fazer chegarem os resultados desses trabalhos ao público que dele pode beneficiar-se. Por isso, enfatizamos os canais para disseminar essa produção.

Embora os avanços tecnológicos venham possibilitando que a troca de informações entre os pares e, depois, entre o público em geral, ocorra de uma forma bastante ágil, o livro é, ainda na atualidade, um dos principais suportes para transmissão do conhecimento geral, do mesmo modo que o periódico é ainda mais consagrado no meio científico. A durabilidade e a acessibilidade do livro por longo prazo independem de avanços tecnológicos e atualização do suporte quando este é o papel. Convivem pacificamente o livro no suporte papel, o eletrônico e o audiolivro, que cresceu significativamente nos últimos dois anos. Desse modo, e cada vez mais, refletir sobre o papel das editoras universitárias é fundamental para a consolidação e legitimação do conhecimento científico produzido nas Instituições de Ensino Superior (IES).

Há muito tempo as editoras universitárias não podem mais ser confundidas, de forma simplista, com “gráficas universitárias”, reproduzindo textos sem a prévia definição de uma política editorial, sem critérios e com circulação restrita, como se referiam às editoras até os anos 1980. Entendemos por gráfica a empresa pública ou privada responsável pela produção da etapa industrial de impressos em geral: livros, revistas, jornais e folhetos, utilizando sistemas técnicos de impressão e acabamento adequadas a essa produção. A editora se dedica à seleção e preparação de originais para publicação – incluindo os processos de revisão, normalização, projeto gráfico e editoração – e, em seguida, cumpre uma etapa industrial de impressão e acabamento, geralmente utilizando os serviços de uma empresa gráfica, no caso do livro impresso, ou preparação eletrônica dos arquivos, para livros eletrônicos em formato PDF, ePub, Mobi, entre outros.

Através da editora universitária, o grande público toma conhecimento dos resultados dos trabalhos que vêm sendo realizados no interior das universidades. No meado dos anos 1980, em palestra realizada no III Seminário Nacional das Editoras Universitárias, Lucília Helena Garcez (1986, p. 112) afirmou: “[...] o ensino

e a pesquisa devem estar em sintonia com a sociedade de forma que longos segmentos da comunidade tenham acesso contínuo, por diversas formas de comunicação, ao fazer e ao saber ali produzidos”.

O ex-diretor da Editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Paulo Franchetti, no Seminário Livros e Universidades, que foi realizado na USP entre os dias 5 e 8 de novembro de 2012, defende o papel das editoras universitárias, ressaltando que estas diferem das editoras comerciais, que priorizam o retorno financeiro do que publicam. Nas editoras universitárias, os livros contemplam o “[...] retorno acadêmico, [...] o impacto da obra na consolidação, na expansão ou no aprimoramento de um determinado campo do saber.” (CHAUVIN, 2017).

Reforçando a posição de Franchetti, a manutenção da atividade editorial nas universidades possui características diferentes daquelas da iniciativa privada. No caso das universidades, o objetivo principal não é o lucro, e sim a qualidade. Entendemos por qualidade não apenas o aspecto físico, ou seja, gráfico e estético do livro, mas também o que se refere a seu conteúdo, a importância científica e a necessidade para o público a que está dirigido. Por isso, a meu ver, não cabe a produção de edições de luxo por editoras universitárias. Sua preocupação maior deve ser atender, em primeiro lugar, à própria comunidade acadêmica, produzindo livros de boa qualidade a um baixo custo. Complementando, Gustavo Falcón destaca: “a produção das editoras não deve visar o lucro. O lucro virá normalmente se o trabalho é feito com profissionalismo, estando a qualidade acima de tudo”.⁹ As universidades brasileiras têm procurado manter essa sintonia com a sociedade, utilizando sobretudo o veículo impresso: livros, revistas, periódicos e livretos, mas já inseridos no mundo digital.

Além da difusão do saber produzido no meio acadêmico, a editora universitária deve destacar o contexto socioeconômico e cultural no qual está inserida, assumindo a importante tarefa de “resgatar a memória da região, descobrir seus talentos, documentar sua evolução e assegurar sua projeção no quadro intelectual do país” (GARCEZ, 1986, p. 112).

Ressalto que a “[...] atividade editorial universitária é uma das principais formas de as IES se relacionarem com a sociedade em geral e reflete a qualidade e o nível da pesquisa acadêmica e de produção do conhecimento” (ROSA et al., 2013, p. 155).

Não quero dizer que deva ser um trabalho filantrópico, em que o governo sozinho sustente a fundo perdido esse investimento. A antiga política de distribuição gratuita dos livros produzidos nas universidades ficou também para trás. Hoje, as editoras universitárias já se preocupam com um retorno financeiro para, ao menos,

9 Entrevista concedida a mim, em Salvador, 14 set. 1994.

possibilitar a continuidade dos seus programas editoriais. Contudo, enfrentam muitas dificuldades, como as deficiências na divulgação e distribuição da sua produção, a burocracia à qual o serviço público está atrelado, dificultando transações financeiras, como pagamento de direitos autorais, dificuldades na remessa de livros para outros estados, morosidade na compra de materiais de consumo e permanente etc., e a falta de uma visão de organização moderna e dinâmica por parte dos dirigentes.

Na opinião do Prof. Jaime Pinsky, ex-diretor da Editora da Unicamp e hoje proprietário da Editora Contexto, em São Paulo, o papel da editora universitária é:

[...] estabelecer uma conexão da produção universitária com um público mais amplo, não cabendo às editoras universitárias concorrerem com as particulares, nem se preocuparem com edições sofisticadas, priorizar o conteúdo e não a forma. Cabe, ainda, estimular a produção na instituição e orientar a produção e realizar coedições.¹⁰

35

Sempre houve, por parte dos editores privados, um questionamento com relação até onde a editora universitária deveria cumprir o seu papel.

Durante algum tempo, mais ou menos no início da década de 1980, esse diálogo não era frequente. Tínhamos casos extremos de atuação de editoras universitárias. Na época, a Editora da Universidade de Brasília (EdUnB), por exemplo, na visão dos editores privados, atuava de forma semelhante a eles, já que, além do excelente nível acadêmico dos seus livros e uma produção gráfica esmerada, publicava, inclusive, traduções. Por outro lado, tínhamos a Editora da USP (Edusp), que apenas publicava em sistema de coedição com editoras particulares, beneficiando-as. Entre essas duas, a grande maioria de editoras estava em fase de organização, voltadas apenas para a própria instituição. Um dos receios dos editores privados era que essas editoras emergentes passassem a atuar junto ao grande público com livros produzidos a um baixo custo e comercializados com menor preço, já que eram editoras mantidas pelo Estado.

A partir da criação do PIDL e, mais tarde, do surgimento da Abeu, quando os editores estavam, de fato, mais bem organizados, encontros entre editores públicos e privados passaram a ser frequentes e concluiu-se que existia espaço para uma convivência saudável – inclusive alguns trabalhos de cooperação e complementação poderiam ser feitos entre eles. As entidades associativas – independente de congregar editoras públicas e/ou privadas – dialogam e juntas enfrentam os problemas do mercado, legislativos e legais.

.....
10 Entrevista concedida a mim, em São Paulo, 25 ago. 1994.

Enfim, poderíamos resumir em quatro os principais papéis da editora universitária:

1. Contribuir para a difusão das pesquisas realizadas por docentes, técnicos e alunos em salas de aula e nos laboratórios, tirando-os do isolamento e colaborando para a transferência de novas tecnologias;
2. Contribuir para a melhoria dos acervos bibliográficos, colocando à disposição da comunidade acadêmica a produção científica da própria instituição e de outras instituições congêneres;
3. Contribuir para a preservação da cultura nacional, já que vivemos num país rico em tradições, costumes e padrões culturais, que vêm se modificando rapidamente;
4. Contribuir para a produção de material didático a custos mais baixos, para o ensino de graduação e de pós-graduação, favorecendo a diminuição da “indústria da fotocópia” e criando o hábito da aquisição de livros pelos os alunos.

Política editorial e seleção de originais

Além do diferencial em seu papel, a editora universitária se diferencia por avaliar os originais a serem publicados, destacando-se a atuação dos conselhos editoriais. “Propor, aprovar, divulgar a política editorial e fixar normas para a sua execução, estabelecendo critérios para a seleção de textos e o cumprimento dos direitos autorais, além de examinar e selecionar originais encaminhados para publicação [...]” (PINSKY, 1986, p. 13), são as linhas gerais que norteiam a atuação das comissões ou conselhos editoriais na grande maioria das editoras universitárias.

Segundo Gustavo Falcón, cabe ao conselho a “análise de originais com objetivo de apreciar seu conteúdo para publicação e a fixação da política editorial para priorizar o que deve ser publicado ou não, sendo o mérito, a originalidade, a relevância científica ou cultural os principais critérios de avaliação”.¹¹

A responsabilidade do conselho editorial é grande, por isso sensatez, capacitação e uma proposta editorial comprometida com os destinos da universidade são características prioritárias na escolha daqueles que decidirão o que deve ou não deve ser publicado. Ele não se envolve no projeto gráfico, nem determina tiragem, nem prioriza impressão dos livros. Cabe ao diretor da editora decidir livremente sobre esses pontos; no entanto, é importante explicar e manter o conselho informado sobre

11 Entrevista concedida a mim, em Salvador, 14 set. 1994.

determinadas decisões no momento de se priorizar uma produção ou outra, já que há critérios para essa decisão: oportunidade editorial (congresso, data significativa para lançamento); favorabilidade para coedição, que reduz custos e amplia distribuição; recursos financeiros aplicados e com data limite para prestação de contas; e até mesmo oportunidade pela temática abordada.

Na maioria das editoras universitárias, o presidente do conselho editorial é o diretor da editora. Este deve, além da bagagem intelectual ampla, possuir conhecimentos específicos de gestão pública e domínio técnico para entender dos processos editoriais na atualidade, sobretudo, envidar esforços para perceber como o mercado se comporta com relação ao livro.

A editoração na Universidade Federal da Bahia¹²

A história editorial da UFBA é recente – tem cerca de 40 anos –, mas não deixa de ser marcante, tanto pelas coedições realizadas com a Livraria Progresso Editora e quanto pelas publicações de cunho didático votadas para o público discente, resultado de pesquisa de professores da instituição, como através de publicações de cunho cultural. Embora marcante em sua trajetória, a produção editorial da UFBA não atingiu o lugar de destaque merecido. A falta de definição do papel da editora no contexto da instituição, as dificuldades financeiras, as deficiências da organização pública e os prejuízos de uma divulgação inadequada são fatores que colaboram para que isso ocorra. Começam-se a verificar alguns sinais de mudança ou, ao menos, uma intenção de reverter esse quadro no momento da criação, pelo Conselho Universitário, da Edufba, que sucedeu ao CED, órgão que foi responsável pela atividade gráfica-editorial na instituição.

A educação brasileira, de um modo geral, e a educação universitária em particular estão mergulhadas em uma profunda crise. Não podemos negar, no entanto, sua importância na preparação de profissionais qualificados, bem como na formação da consciência crítica dos cidadãos que produzem a ciência, já que é função da universidade promover condições para a realização de pesquisas que gerem novos conhecimentos. Não é suficiente, porém, que o professor-pesquisador apenas formule ideias inovadoras, chegue através das pesquisas de laboratório a grandes descobertas. É preciso que a transferência dessas informações não fique restrita ao âmbito das salas de aula, dos laboratórios ou mesmo dos auditórios fechados. Esses novos conhecimentos precisam ser difundidos para que uma maior massa crítica venha também

12 Parte deste tópico faz parte da monografia *A editoração na Universidade Federal da Bahia*, de 1994.

a contribuir, opinando e ampliando esses novos conhecimentos. As editoras universitárias têm um papel fundamental nesse contexto, dinamizando e dando forma a este fluxo de informações – reforçando: o livro é, ainda hoje, a forma mais viável, duradoura, econômica e eficaz de transmissão de ideias.

Para Marcelo di Renzo (2018, p. 10), ex-presidente da Abeu por duas gestões e diretor da Editora da Universidade Católica de Santos (UniSantos), “A constituição das editoras universitárias trouxe a muitos docentes a oportunidade (ou o desafio) de assumirem as vezes de editores literários e aprenderem as peculiaridades”. Ou seja, o envolvimento não é apenas dos professores autores, mas daqueles que, assim como eu, se entrelaçaram nessa função de dirigir, por mais de uma oportunidade e por longos e gratificantes anos, a Edufba.

Trajectoria histórica

A editoração universitária teve início em 1534, na Inglaterra, através da concessão pelo rei Henrique VIII ao funcionamento da Cambridge University Press, da Universidade de Cambridge, “destacada pelos estatutos da Universidade para desenvolver a área de publicações, cujo objetivo é o de disseminar o conhecimento de uma forma genérica e de contribuir para o avanço do ensino da pesquisa e da literatura”.¹³ Em plena Idade Média, surge com os mesmos objetivos e papel que prevalecem até a atualidade.

Enquanto na Europa a editoração universitária inicia-se no século XVII, no Brasil, somente no século XX, mais precisamente em 1955, surge a primeira editora universitária, pertencente à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), segundo levantamento que realizamos em 1989 através de questionário enviado às editoras universitárias brasileiras. Nesse mesmo levantamento, pudemos verificar que a grande maioria das universidades só criou suas editoras na década de 1980 (ROSA, 1989). Entretanto, em estudo realizado por Leila Bufrem (2000), aparecem como primeiras editoras universitárias a Edusp, criada em 1962, e a EdUnB, criada em 1966. A controvérsia desses dados se deve ao fato de que a maioria das editoras universitárias surgiu informalmente a partir de núcleos de publicações ou mesmo como uma extensão dos serviços gráficos, não dispondo de documentação precisa sobre o início de suas atividades editoriais.

As primeiras publicações em cujas capas constava o nome da UFBA foram aquelas resultantes de edições conjuntas entre a universidade e a Livraria Progresso Editora, de Manoel Pinto de Aguiar. Segundo Manoel Pinto de Aguiar, em entrevista

13 Entrevista coletiva, em São Paulo na década de 1990.

concedida à poeta Myriam Fraga, publicada no Caderno 2 do jornal *A Tarde*, edição de 21 de junho de 1984:

[...] em 1957, o reitor Edgard Santos, desejando ampliar o raio de atuação da Universidade, incumbiu-me das suas publicações, firmamos um convênio pelo qual fazíamos edições conjuntas, ficando parte para a Universidade e parte para a livraria para a distribuição comercial [...]. (INSTITUTO BAIANO DO LIVRO, 1993, p. 108).

Na UFBA, a atividade editorial se inicia em 1959, 13 anos após a fundação da Instituição – criada por meio do Decreto nº 9.155, de 28 de abril de 1946 –, através do Departamento Cultural, criado informalmente e ligado à Coordenação Central de Extensão. Publicava o *Jornal da Universidade*, a revista *Universitas* e diversas coleções e publicações de cunho cultural. Foi interrompida em 1962 e retomada na gestão do reitor Miguel Calmon (1964-1968), que recriou:

[...] uma Comissão de publicação, quando são estabelecidas normas para que, a partir de 1966, volte a publicar livros originais ou traduzidos, uma vez que as edições da Universidade foram interrompidas em 1962. Esta nova fase terá um marco inicial precisamente com a edição do Catálogo da Universidade da Bahia, realizado pela primeira vez. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1967, p. 97).

Sobre a revista *Universitas*, é preciso destacar o papel que ela exerceu naquele período. Eram publicados “[...] artigos sobre História, Filosofia, Educação, Antropologia, Sociologia, Literatura, Música etc., de autoria de eminentes professores e também renomados intelectuais e pesquisadores [...]” (ALBERNAZ, 1999, p. 121), tanto brasileiros como de outros países. A linha editorial foi mantida até o número 18. A partir do número 19, passou a ser publicada pelas cinco grandes áreas. Passou por algumas interrupções, e o número 40 foi o último publicado, referente a julho/dezembro de 1991, por ocasião dos 45 anos da UFBA. Em edição comemorativa dos 50 anos de fundação da universidade, foi publicado o *Índice da revista Universitas*, uma obra de referência com 110 páginas que recupera e dissemina informações dos 40 fascículos publicados, graças ao trabalho de pesquisa de Isnaia Veiga Santana e Marly Magalhães de Freitas, com a colaboração de Leonor Dantas Halla (ALBERNAZ, 1999). A *Universitas* encontra-se em processo de digitalização e parte dos números está disponível no Portal de Periódicos da UFBA.¹⁴

14 Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/universitas>.

Em 1968, com a Reforma Universitária, esse setor foi extinto, surgindo em março de 1970 o Programa de Textos Didáticos, responsável pela publicação de textos encaminhados pelos diversos departamentos de ensino, com a finalidade de auxiliar os estudantes nos diversos cursos. Foi o reitor Roberto Santos o idealizador do Programa de Textos Didáticos, que mais tarde deu origem ao CED. O programa foi coordenado por Maria Angélica de Mattos e contava com dois datilógrafos (José Dirson Argolo e Lídio dos Santos), uma secretária (Ana Maria Barbosa Pereira), um técnico em contabilidade (Raimundo José Vieira dos Santos) e duas revisoras (Lícia Cerqueira e Ana Maria Luz). Os textos didáticos já aprovados eram encaminhados para publicação pelos departamentos e o núcleo fazia o trabalho editorial. Em seguida, eram impressos na pequena gráfica, dirigida, nessa época, por Zitelman de Oliva. Essa proposta editorial do reitor Roberto Santos merece destaque, já que tinha como objetivo viabilizar edições experimentais de forma econômica, auxiliando os estudantes nas diversas disciplinas ministradas na universidade, como podemos verificar na relação das publicações dos anos de 1970 e 1971 (Quadro 3), período de funcionamento desse programa.

Quadro 3 – Relação de alguns títulos publicados pelo Programa de Textos Didáticos

TÍTULO	AUTOR	ANO
<i>Introdução ao uso do microscópio petrográfico</i>	Shiguemi Fuijimore e Yeda de A. Ferreira	1970
<i>Seleção de textos destinados ao estudo da história do Brasil</i>	Luis Henrique Dias Tavares	1970
<i>Pesquisa em Ciências Sociais</i>	Perseu Abramo	1970
<i>Formação e temática da sociologia do conhecimento</i>	A. L. Machado Neto	1970
<i>Introdução ao estudo da história – História e historiografia</i>	István Jancsó e Regina R. Casari	1970
<i>Problemas de trabalho e desenvolvimento (v. 1 e v. 2)</i>	Inaiá Carvalho	1971
<i>Ação de despejo</i>	José Joaquim Calmon de Passos	1971
<i>Investigação de Estética (v. 1 e v. 2)</i>	Romano Galeffi	1971
<i>Elementos da lógica clássica</i>	Fernando Rêgo	1971
<i>Definição dos solos e descrição do perfil</i>	Jean Boyer	1971

Fonte: levantamento realizado pela autora (1994).

O CED da UFBA foi criado formalmente em 1971, para desenvolver as atividades do extinto Departamento Cultural englobando o Programa de Textos Didáticos e o Núcleo de Recursos Audiovisuais. No entanto, isto de fato só veio a ocorrer a partir de 1972. A criação informal do CED e a permanência dos vários setores englobados, geograficamente distintos, caracterizavam a nova organização das atividades editoriais na UFBA. Não havia unidade entre os setores; ao contrário, o que existia era uma total indiferença entre os funcionários, aliada à inexistência de uma política editorial definida.

Em 1974, o órgão passou a ocupar o prédio na Rua Barão de Jeremoabo, *campus* da Federação/Ondina, onde hoje funciona a Edufba, reunindo a partir daí os núcleos de Publicações, de Recursos Didáticos e a pequena gráfica universitária que havia funcionado anteriormente na Rua João das Botas, nº 26. Assumiu a direção do órgão o Prof. Valentin Calderón de La Varra, tendo como chefe da gráfica Ailton José Oliveira Sampaio; como chefe do Núcleo de Recursos Didáticos, a funcionária Lícia Cerqueira; e como chefe do Núcleo de Publicações, o Prof. David Salles.

No Regimento da UFBA, publicado do *Boletim Informativo* de 28 de fevereiro de 1971, o CED aparece no capítulo VI, artigo 34, compondo a estrutura da Superintendência Acadêmica, e no artigo 38, em que são descritas as competências dos três setores que o formavam: Núcleo de Publicações, Núcleo de Recursos Didáticos e Gráfica Universitária. Na prática, o CED sempre funcionou ligado diretamente ao gabinete do reitor.

Logo após a sua criação, o CED não possuía uma política editorial traçada nem havia uma unidade de trabalho entre seus núcleos. Isso só começou a ocorrer de quando assumiu a coordenação Ailton José Oliveira Sampaio (1977), que permaneceu no cargo até 1988.

Nesse período, o órgão passou a desempenhar, de fato, o papel de publicar e distribuir a produção técnica e cultural da universidade de uma forma criteriosa e já preocupada com um público consumidor. A filosofia dessas publicações era definida pelo Conselho Editorial, criado durante o reitorado do Prof. Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa (1979-1983), formado por professores das diversas áreas do conhecimento.

A criação do Conselho Editorial, graças à persistência do coordenador do CED, Ailton Sampaio, é algo que precisa ser destacado em função da importância que representa para a disseminação da produção da universidade, uma vez que os originais passariam por um processo de avaliação.

Muitas editoras universitárias surgiram a partir de pequenas gráficas ou de setores tidos como núcleos de publicações, que editavam sem maiores critérios na seleção dos textos. Segundo Jaime Pinsky (1986, p. 13):

No período do autoritarismo, editoras se desenvolveram, com frequência, de forma bastante desvirtuada. Sem linha editorial, sem compromisso com a universidade e com a comunidade, sem conselho editorial atuante para definir a filosofia editorial e sem profissionalismo para executá-la, várias editoras acabaram caindo na tentação fácil de gastar sua verba publicando poemas de autoridades universitárias, plataformas políticas ou revistinhas provincianas.

Na UFBA, não se chegou a esse extremo, mas publicou-se durante muitos anos sem um conselho editorial para selecionar os originais que seriam transformados em livros. O primeiro conselho editorial da instituição foi presidido pelo vice-reitor José Calasans Brandão da Silva e constituído pelos seguintes membros: Orlando Gomes, Thales de Azevedo, Jorge Augusto Novis, Luiz Navarro de Brito, Hernani Sávio Sobral, Jorge Calmon, Eliane Azevedo e Fernando da Rocha Peres.

A atuação do conselho da UFBA, desde a sua instalação, ocorre da seguinte forma:

- a. o autor encaminha os originais a editora para avaliação pelo Conselho Editorial;
- b. os originais são apreciados e encaminhados a um consultor *ad hoc* especialista na área desse original;
- c. há um roteiro para que o parecerista contemple os aspectos de conteúdo da obra;
- d. o parecer é submetido ao Conselho Editorial, podendo ocorrer três situações:
 - o parecer é inteiramente favorável, sendo automaticamente referendado;
 - o parecer é favorável com restrições: nesses casos, os originais são devolvidos ao autor para que proceda às modificações necessárias;
 - o parecer é desfavorável: nesse caso, o parecer poderá ser julgado inconsistente, sendo os originais encaminhados para outro consultor *ad hoc* para um segundo parecer;
- e. os originais aprovados são encaminhados a editora para o trabalho de editoração.

Como o regimento da universidade não previa um conselho, sua designação e constituição foram feitas pelo reitor, através de portaria, e suas atribuições foram

determinadas por seu presidente. O coordenador do CED ou seu substituto participava das reuniões e tinha voz, mas não tinha direito a voto.

O primeiro Conselho Editorial da UFBA, além de manter as publicações didáticas, de autoria de professores da UFBA, que serviam de apoio para as disciplinas ministradas, deu continuidade à revista *Universitas* e à coleção de estudos baianos, criando também outras três coleções:

1. Coleção Monográfica / Série Reitor Edgard Santos – estudos na área de Ciências Humanas e Letras. Publicaram-se seis títulos nessa coleção;
2. Coleção Monográfica / Série Reitor Miguel Calmon – estudos na área de Ciências Exatas e Médicas. Publicaram-se dois títulos nessa coleção;
3. Série Dissertações – dissertações de diversas áreas, adaptadas para livro.

Na época, alguns dos títulos publicados nessas coleções fizeram grande sucesso, tendo inclusive suas edições esgotadas, como o livro *Nordeste: a urbanização do subdesenvolvimento*, de autoria do Prof. Walney Sarmiento. Acreditamos, porém, que a repercussão teria sido ainda maior se tais publicações tivessem contado com um projeto gráfico mais bem elaborado e um trabalho de divulgação mais eficiente, já que contavam com o trunfo de serem obras produzidas por autores como Thales de Azevedo, Nelson de Araújo e outros.

Se fizermos uma análise do catálogo de publicações do CED editado em 1993, no qual constam livros publicados desde a década de 1970, verificaremos que todas as cinco áreas do conhecimento foram contempladas. Embora as coleções praticamente não tenham tido continuidade, há mais de um título – em sua grande maioria, didáticos – para cada área.

Esse procedimento para a escolha dos membros do Conselho Editorial perdurou até 1992, quando o CED foi transformado em editora e, sob a direção de Gustavo Falcón, novos mecanismos foram adotados.

No novo Regimento Interno, o Conselho Editorial tem sua composição e suas atribuições definidas. O diretor do órgão, membro nato, é responsável pela indicação dos outros cinco componentes, respeitando o critério de um representante por área. Para cada membro, há também um suplente. Após a indicação, os membros são nomeados pelo reitor.

O último Conselho Editorial, ainda designado pelo reitor, teve a seguinte constituição: Marco Aurélio Andrade de Filgueiras Gomes, Manoel Barral Neto, Ubiratan Castro de Araújo, Antônia Torreão Herrera e Lúcia Fernandes Lobato como titulares; e Ana Maria Fernandes, Ronaldo Ribeiro Jacobina, Pedro Manuel Agostinho da Silva, Lígia Guimarães Teles e Diana Santiago da Fonseca como suplentes.

Retomando a estrutura e o funcionamento do CED, ele manteve a estrutura inicial, com algumas modificações: o Núcleo de Publicações e o Núcleo de Recursos Didáticos funcionavam conjuntamente e a Gráfica Universitária, que foi equipada, na época, com um sistema de fotocomposição, era o que havia de mais moderno para a editoração de textos, migrando, assim, da editoração realizada em máquinas datilográficas elétricas para esse novo sistema de composição. Equipamentos de para impressão *off set* também foram adquiridos, e, já naquela época, chamava atenção o fato de ter em sua oficina gráfica uma mulher ocupando a função de impressora!

Foi criado um setor de Promoção e Vendas e foram implantados um posto de vendas e uma livraria, que funcionavam nos *campi* universitários do Canela e da Federação, respectivamente.

Na gestão de Ailton Sampaio, alguns fatos importantes devem ser destacados:

44

- a. aproveitamento de alunos dos cursos de Comunicação e Artes Plásticas como estagiários, através do Programa Bolsa de Trabalho, mantido pela Superintendência Estudantil;
- b. modificação na programação visual das publicações, que passaram a ter capas coloridas, e preocupação em baratear custos gráficos utilizando para os livros didáticos a composição datilográfica (máquinas eletrônicas);
- c. criação do primeiro Conselho Editorial;
- d. realização do II Seminário Nacional de Editoras Universitárias;
- e. coordenação, a nível nacional, do PIDL.

Com a saída de Ailton Sampaio, em 1988, passei a responder interinamente pelo expediente do órgão. No ano seguinte, fui efetivada no cargo, no qual permaneci até agosto de 1992. Como havia ocupado a chefia do Núcleo de Recursos Didáticos e do Núcleo de Publicações durante a direção de Ailton Sampaio, quando toda uma série de ações consequentes havia sido implantada, assumi a direção procurando dar continuidade à política editorial em vigor e procurando fortalecer a atuação da UFBA no PIDL.¹⁵ Algumas modificações, no entanto, se fizeram necessárias:

15 Programa de distribuição organizado pelas editoras do Nordeste pelas dificuldades de fazer a produção das editoras universitárias circular. Esse programa foi o embrião para a criação da Abeu.

- a. realizou-se, em primeiro lugar, um estudo dos custos dos serviços gráficos do órgão, através de uma comissão instituída pelo reitor Prof. Rogério da Costa Vargens – que iniciou seu mandato 1989, após um processo polêmico, e concluiu em 1992 –, já que, desde sua criação, a forma de cálculo permanecia a mesma e muitos insumos não eram computados ao preço final;
- b. executaram-se algumas melhorias físicas no prédio, visando o bem-estar dos funcionários, como colocação de piso adequado nos setores industriais e a criação de um espaço para refeição;
- c. conjuntamente com o Grupo Técnico da Assessoria de Planejamento, realizou-se a padronização dos impressos utilizados no âmbito da universidade, tendo como objetivo a racionalização dos serviços e o barateamento dos custos;
- d. na área editorial propriamente dita, tentou-se, com relativo sucesso, ampliar a divulgação das obras publicadas, assinando contrato de distribuição com a Nobel S.A. – Editora e Distribuidora, de São Paulo, que passou a comercializar as publicações do CED;
- e. buscou-se a modernização visual e gráfica das publicações;
- f. efetivou-se a aquisição de alguns novos equipamentos gráficos, como uma dobradeira automática e máquina para confecção de fotolito (vertical);
- g. iniciou-se o processo de compra de uma guilhotina eletrônica.

Da estrutura inicial do CED, faziam parte a Gráfica Universitária, o Núcleo de Recursos Didáticos e o Núcleo de Publicações, conforme Regimento da UFBA publicado em 28 de fevereiro de 1971. Algumas das atribuições desses setores nunca foram executadas, como no caso do Núcleo de Recursos Didáticos, que, no Regimento, aparece como responsável pela “elaboração de recursos e meios audiovisuais de apoio didático” e pela “manutenção de equipamento de apoio audiovisual”. Na realidade, acontecia na prática o funcionamento conjunto dos dois núcleos – Publicações e Recursos Didáticos –, responsáveis pela normalização, editoração e acompanhamento dos textos a serem publicados, quer fossem eles didáticos ou não.

Quanto à Gráfica, esta produzia as publicações dos núcleos e ainda todo o material impresso utilizado pela universidade sem, no entanto, acompanhar os avanços tecnológicos e sem reposição de equipamentos.

Desde essa época, faltavam uma infraestrutura organizacional e funcional satisfatórias e um departamento editorial bem estruturado, sendo apoiado pelos demais setores, com mão de obra especializada. As atividades gráficas sempre suplantavam

as atividades editoriais, não só pelo volume de material impresso para abastecer toda a universidade, mas também por aqueles problemas que são inerentes a uma unidade de produção dentro do serviço público, que não acompanha os avanços tecnológicos e não promove a reciclagem dos servidores.

Em 12 de março de 1992, o Conselho Universitário aprovou por unanimidade a proposta de transformação do CED em editora universitária, convertendo-o, paralelamente em órgão suplementar. Esse era um projeto antigo elaborado em 1987. O ato de criação da editora foi realizado na última reunião do Conselho Universitário na gestão de reitor Prof. Rogério da Costa Vargens. Somente em 23 de abril de 1993, após tramitar nos órgãos competentes, o Conselho Federal de Educação aprovou e foi publicada no *Diário Oficial da União* a Portaria nº 610, de criação da editora universitária. Fiz parte da construção de todo o processo e proposição de regimento para essa mudança.

46

Com a mudança de reitorado, em 1992, quando assumiu a reitoria Eliane Azevedo (1992 – outubro de 1993), assumiu a direção da editora o Prof. Gustavo Falcón, que, em 1994, foi reconduzido pelo reitor Prof. Felipe Serpa (1994-1998).

Sua permanência significa a continuação de um trabalho de profissionalização do setor de editoração, de definição junto ao Conselho Editorial, por ele próprio indicado, da política para suas publicações da Universidade, ampliando e consolidando a atuação da editora universitária no âmbito da UFBA e junto à comunidade em geral. Ocorreram, também, melhorias gráfica e editorial das publicações, graças à contratação, através de serviços prestados, de profissionais dessa área, reforçando o quadro de pessoal já existente no setor de arte, e pela modernização de alguns setores através da informatização. O setor de arte passou a contar com computadores tipo 486, *scanner* de mesa e impressora a laser, agilizando a criação e arte-finalização do miolo e capa dos livros ali produzidos e dando apoio, também, aos demais órgãos da UFBA na criação de folhetos, cartazes e outros impressos.

A gestão de Gustavo Falcón coincide com o período de transição do CED para Eudfba, a estrutura real era a seguinte:

- a. Divisão Editorial – responsável pela preparação de originais e pelos serviços de pré-impressão, ou seja, composição, revisão e revisão dos autores. Fazia a interface com a Editoria de Arte;
- b. Editoria de Arte – responsável pela definição e execução, juntamente com a Divisão Editorial, do projeto gráfico de cada livro (no momento, os integrantes desse setor passaram a utilizar, além da prancheta, a editoração eletrônica);

- c. Gráfica – abrangia os setores do processo de produção (fotomecânica, impressão, acabamento e expedição).

Embora dispondo dessa estrutura informal, o procedimento para a execução do trabalho editorial ocorria da forma a seguir descrita:

- a. aprovação dos originais pelo Conselho Editorial;
- b. chegada dos originais à editora;
- c. definição do projeto editorial;
- d. execução do planejamento editorial, através de uma planilha que acompanhava todo o fluxo de trabalho, sob a responsabilidade de um editor executivo.

A editora dispunha de 31 funcionários, incluindo seu diretor, sendo que oito deles não pertenciam aos quadros da universidade – dois deles eram contratados através da Fapex e seis como prestadores de serviço. Desse número total de funcionários, dez trabalhavam diretamente no setor de editoração.

A linha editorial continua voltada para os textos didáticos, paradidáticos e para os ensaios críticos (*lato sensu*). Segundo Falcón, “o objetivo é reforçar o trabalho acadêmico, subsidiar o senso crítico, desenvolver a pesquisa e colocar à disposição do leitor (inclusive neoacadêmico) parte do saber gerado na Instituição”.¹⁶

Na época, a UFBA, através da sua editora, assinou convênios de parceria para coedições de livros com três entidades baianas: a Fundação Casa de Jorge Amado, a Sarah Letras – Editora do Hospital Sarah, Bahia – e o Grupo Editorial da Assembleia Legislativa. Através desses convênios, cada entidade publicaria cerca de seis títulos com a universidade, tendo como objetivo assegurar a qualidade e reduzir custos.

Uma realização que merece destaque no reitorado do Prof. Felipe Serpa – no período em que assumiu *pro tempore*, em função do afastamento da Prof.^a Eliane Azevedo – foi a elaboração do documento *Subsídios para uma política de comunicação da UFBA*. Criou-se um grupo de trabalho com a participação dos seguintes membros: Antonio Albino Canelas Rubim (diretor da Faculdade de Comunicação, a Facom), Antonio Brito (presidente da Câmara de Extensão), Antonio Dias Nascimento (assessor de imprensa da UFBA e presidente da comissão), Armindo Jorge Bião (pró-reitor de Extensão), Gustavo Falcón (diretor da Edufba), José Benjamim Picado (chefe de Departamento de Comunicação) e Vera Martins (chefe de Departamento

.....
16 Entrevista concedida a mim, em Salvador, 14 set. 1994.

de Jornalismo). A importância desse documento se dá por se tratar do primeiro produzido no âmbito da instituição que apresenta uma política para a comunicação e destaca questões específicas relativas à editora, salientando o importante canal de disseminação da produção científica da universidade.

[...] reivindicação de apoio da instituição universitária, com linhas de financiamento para as revistas de Departamentos, Programas de Pós-Graduação, Órgãos Suplementares etc. e a manutenção de coleções de livros torna-se não só justa, mas um componente inerente de uma universidade de qualidade; Separar funcionalmente as atividades da editora e da gráfica, buscando a melhoria da qualidade, a divisão dos trabalhos e das responsabilidades; Fazer valer, já no exercício de 94, o regimento aprovado pelo Conselho Universitário e pelo CFE para proporcionar o aparato administrativo indispensável ao funcionamento profissionalizado da Editora e da Gráfica; Modernizar e reaparelhar as livrarias da Editora, adequando-as às necessidades de marketing atual e criar emergencialmente um posto de vendas no Pelourinho, destinado a comercialização de ensaios e outras séries universitárias não necessariamente acadêmicas; Montar esquema de vendas em todos os campi, com a colaboração dos livreiros independentes que atuam em quase todas as unidades da UFBA; Criação de um Programa universitário de apoio às revistas acadêmicas. (NASCIMENTO et al., 1993)

A Pró-Reitoria de Planejamento e Administração, juntamente com a Procuradoria Jurídica, em 18 de agosto de 1994, encaminhou parecer favorável a essa proposta, ressaltando a necessidade de se fazerem uma análise e uma proposta de recursos e procedimentos necessários à institucionalização e funcionamento da Política de Comunicação da UFBA. O documento final foi aprovado em seção do Conselho Universitário de 17 de novembro de 1994, por maioria, com algumas alterações propostas em plenário. Quanto à editora, parte das ações foi concretizada, a exemplo da separação da editora e da gráfica – embora realizada de forma abrupta, sem uma preparação prévia dos servidores que foram deslocados e uma reflexão da finalidade da gráfica –, a abertura de ponto de vendas no Pelourinho e a manutenção de um programa editorial, inclusive em coedições com outras editoras. No mais, o documento nunca foi colocado em prática.

Quando se fala nos canais de disseminação da produção da UFBA, é necessário mencionar cinco órgãos que, ao longo da história, possuem ou possuíam uma linha editorial própria: o CRH, o Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público

(ISP), que em 2010 passaram a órgãos complementares da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH); o CEB, cujo acervo foi absorvido pelo Sistema de Bibliotecas, o Ceao e o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (Neim). São antigos órgãos suplementares que, no final de 2008, passaram a ter outra designação, desde a discussão do novo Regimento da UFBA, aprovado em 2010. Realizavam edições independentes e utilizavam apenas os serviços gráfico-editoriais do antigo CED e, mais tarde, da Edufba. Atualmente, o Neim publica a Coleção Bahianas em parceria com a editora. O Ceao também realizou com a Edufba coedições importantes.

Afastada da direção da Edufba por um período de cinco anos, não me afastei dos livros. Nesse período, que coincidiu com o nascimento dos meus filhos gêmeos, após um intervalo de quase seis anos do meu primeiro filho – 1992, ano que fui substituída na direção do ainda CED –, retornei para atividade apenas acadêmica na Escola de Belas Artes, no curso de Programação Visual, e realizei a especialização em Produção Editorial. Em 1986, executei trabalho de acompanhamento gráfico e editorial para os catálogos da Diretoria de Bibliotecas Públicas do Estado da Bahia. A convite da Secult, fui responsável pela coordenação gráfico-editorial da segunda edição do livro *Ele, o tal Cuíca de Santo Amaro* (1998), de autoria de Edilene Matos.

Em setembro de 1998, no reitorado do Prof. Heonir Rocha (1998-2002), fui convidada a assumir a direção da Edufba. Devo confessar que vivi um dos momentos mais dramáticos de minha vida pessoal para tomar uma decisão. Com filhos gêmeos de apenas cinco anos, eu desejava de fazer o mestrado... Mas a paixão pela área editorial, a possibilidade de contribuir com a UFBA e a realização profissional me conduziram a aceitar o convite. A editora passava por um momento de muitas dificuldades, reflexo da separação entre gráfica e editora, questão de gestão que acarretou problemas financeiros, inadequação de espaço físico, carência de pessoal qualificado e equipamentos inadequados, sem ter acompanhado os avanços tecnológicos, sobretudo a adoção de tecnologias específicas para a área editorial. Foram necessários seis meses para a retomada dos lançamentos da editora. A retomada se deu com o apoio do reitorado, com a formação de uma equipe de estagiários oriundos do curso de Programação Visual, do qual eu era professora, e de muita vontade de fazer acontecer! Alguns desses estagiários permanecem até o momento, contratados através do Projeto Administrativo-Financeiro da Edufba junto à Fapex. Foi nesse reitorado que se adotou o sistema de impressão reprográfica, contratado na gestão do Prof. Felipe Serpa para a impressão do vestibular da UFBA e para a impressão do miolo dos livros por demanda, sendo a Edufba a editora universitária pioneira no uso dessa tecnologia.

Quadro 4 – Produção editorial de outros órgãos da UFBA

ÓRGÃO	LINHA EDITORIAL	AUTORES LOCAIS	OUTROS AUTORES	MÉDIA DE TIRAGEM	PUBLICA EM SISTEMA DE COEDIÇÃO	PAGAMENTO DE DIREITO AUTORAL
Centro de Estudos Afro-Orientais (Ceao)	Periódico científico e outras publicações na área de Antropologia e Ciências Sociais	Sim	Sim, inclusive de outros países	500	Sim, em parceria com editoras, dividindo as publicações	Em exemplares
Centro de Estudos Baianos (CEB)	Coleção com a temática da cultura baiana	De preferência	-	500	-	-
Centro de Recursos Humanos (CRH)	Periódico científico e outras publicações, sobretudo coletâneas	Sim	Sim, de outros estados	500 livros (com variação)	-	-
Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP)	Relatórios de pesquisas, teorização de experiências do órgão, resultado de consultorias e coletâneas	Sim	-	500	Sim, com outros órgãos	Em exemplares
Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (Neim)	Coleção Bahianas, coletâneas	Sim	Sim	500	Sim	Em exemplares

Fonte: adaptada e atualizada de Rosa e Zobiak (1992).

Destaca-se nesse reitorado a criação da Portaria nº 332/2002, de 8 de julho de 2002, que tinha como objetivo preservar a memória da instituição e assegurar a disseminação da sua produção acadêmica. Estabeleceu a Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa/Seção Memória da UFBA como depósito obrigatório de toda produção científica da universidade, assim como das obras significativas das atividades acadêmicas, culturais e técnicas da instituição, editadas e coeditadas pela a Edufba e pelas unidades de ensino, órgãos e serviços (VIEIRA, 2006).

Permaneci no cargo durante as duas gestões de Naomar Monteiro de Almeida Filho – tendo a primeira se iniciado em julho de 2002 e a segunda finalizada em julho de 2010. No início do seu primeiro mandato, foi constituído um grupo de trabalho para definir uma política para o sistema de comunicação da UFBA. O grupo designado pelo reitor foi composto por: mim, como diretora da Edufba, Antonio Albino Canelas Rubim (diretor da Facom e coordenador do grupo), Cláudio Cardoso (chefe da Assessoria de Comunicação) e os seguintes professores da Facom: Fernando Conceição, Lindinalva Rubim, Paulo Leandro, Simone Bortoliero e Washington de Souza Filho.

As propostas desse grupo de trabalho para a Edufba foram consistentes e levadas para discussão no Conselho Deliberativo da editora; essa política foi norteadora das ações desenvolvidas pela editora. O documento tratava em cinco itens de: metas estratégicas, modo de organização, propostas de atividades, propostas de coleções – foram criadas quatro coleções: Manuais, Bahia de Todos, Sala de Aula e Pré-Universitária – e propostas para divulgação. Dessas quatro coleções, apenas a Pré-Universitária não foi bem-sucedida, por falta de uma maior articulação com a própria indicação de livros e filmes para o vestibular e mesmo organizadores interessados em articular novos títulos. Mais adiante, o próprio programa para o vestibular foi alterado e não mais contemplava os filmes.

A gestão do reitor Almeida Filho encerra-se com dados estatísticos significativos de crescimento do número de títulos publicados e uma maior inserção da Edufba no mercado editorial brasileiro. Contribuem para esse crescimento os editais da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) e de Apoio à Publicação Científica e Tecnológica, que, a partir 2008 – e assim permaneceu até 2012 –, passou a contemplar os autores que receberam parecer favorável de conselhos editoriais de editoras universitárias filiadas à Abeu – exigência que com certeza qualificou os originais financiados em função do processo de avaliação das editoras universitárias –, contribuindo para ampliar a visibilidade da produção científica do estado da Bahia, bem como para que as editoras, através dos autores/pesquisadores, disponibilizassem recursos financeiros para uma produção editorial mais profissional e de qualidade, concorrendo para ampliar o número de títulos publicados/ano. O impacto,

a partir de 2013, quando não mais a Fapesb realizou esse edital, foi sentido de forma contundente na receita da Edufba.

Outras ações importantes foram concretizadas, tais como: a contratação de uma empresa distribuidora de São Paulo, especializada em livros universitários, atingindo-se, desse modo, a circulação em cadeias de livrarias privadas, como a Saraiva e a Livraria Cultura, já que, para as livrarias das universidades, há um intercâmbio entre as editoras universitárias, possibilitado pela integração, através da Abeu, com o PIDL.

Ainda na gestão de Almeida Filho, se deu a implantação do RI da UFBA, em setembro de 2010, realizada a partir do meu doutorado, sob a orientação de Marcos Palacios. Esse entrelaçamento me orgulha pelo fato de retribuir à instituição tudo o que dela recebi desde a graduação; além de poder defender os meus princípios de democratização do conhecimento, uma vez que o RI tem por proposição fundamental a disponibilização do conteúdo em acesso aberto. Ele é o grande portal do conhecimento da UFBA.¹⁷ A Edufba possui cerca de 574 títulos¹⁸ disponíveis em acesso aberto, distribuídos em 17 coleções e em áreas do conhecimento, e destaca-se a coleção e-livro, com 33 publicações no formato ePub e 13 audiolivros.

Após a minha pesquisa do mestrado sobre uso de cópias na universidade,¹⁹ tive a certeza que uma das formas de superar o uso indiscriminado de cópias, prática desencadeada pelos professores ao adotarem pastas de textos nas copiadoras para dar acesso aos alunos da bibliografia de suas disciplinas, seria de fato democratizando esse acesso através do uso gratuito, livre de barreiras do conteúdo produzido, sobretudo, a partir das pesquisas em instituições públicas.

Atualmente, além de zelar pela comunidade da Edufba, no RI, faço parte do Grupo Gestor do Repositório e coordeno a publicação *on-line* semanal *Alerta*,²⁰ responsável pela divulgação do conteúdo do RI da UFBA, cujo primeiro número foi publicado em 10 de julho de 2012.

Outro projeto que merece destaque e retomo para que se inclua já trajetória da editora é o Portal SciELO Livros,²¹ agregando a experiência do SciELO Periódicos – objeto de consórcio entre o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), a Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia (FAP), a Universidade

17 Para detalhes da implantação do RI da UFBA, verificar Rosa (2011).

18 Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/91>.

19 Disponível em: http://eprints.rclis.org/14296/1/_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf.

20 Disponível em: <https://ndc.ufba.br/>.

21 Disponível em: books.scielo.org.

Federal de São Paulo (Unifesp) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) –, do qual a Edufba participa desde sua criação sendo uma das editoras piloto do projeto, juntamente com a Editora da Unesp e a Editora Fiocruz. Dados do portal demonstram a importância e assertiva desse projeto, de acordo com o Quadro 5. A Edufba oferece 193 títulos disponíveis no Portal SciELO (Quadro 6), sendo os cinco títulos mais acessados apresentados no Quadro 7, com os dados de dezembro de 2019. São contabilizados os *downloads* a partir da data que o livro foi disponibilizado.

Em setembro de 2010, Dora Leal Rosa sucedeu a Almeida Filho e fui convidada a permanecer à frente da Edufba. Seria o momento de consolidar dois importantes projetos: o RI da UFBA e o SciELO Livros, e de fato houve o apoio para tais ações. Havia uma equipe coordenada por Rodrigo Meirelles – atualmente professor do Instituto de Ciência da Informação da UFBA e, na ocasião, tinha vínculo com a universidade através do projeto da Edufba/Fapex – com quatro estagiários bolsistas da UFBA, e deve-se destacar a continuidade do apoio da Propci juntamente com a Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação (Propg) para implementar o povoamento do RI. Essas pró-reitorias assumiram essa tarefa, uma vez que não houve entendimento por parte da direção do Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA (Sibi/UFBA), na ocasião da implantação, que essa função seria do sistema, ficando a sua participação restrita à validação dos metadados.

Por iniciativa da Propci, foi lançado em 2011 o primeiro edital de livros eletrônicos da UFBA. Os livros selecionados seriam publicados no formato ePub. A equipe de *designers* Edufba foi a capacitada pela única empresa do Brasil que, na ocasião, trabalhava com esse formato de livro, e entendi, naquele momento, que caminhávamos para esse futuro de convivência do livro no suporte papel e no suporte eletrônico. Além disso, muitos livros oriundos de pesquisas seriam privilegiados com a possibilidade de agregar imagens e imagens em movimento ao conteúdo, bem como o uso de imagens coloridas sem a necessidade de reduzir o número dessas imagens por uma questão de custo.

Vale destacar, ainda, um outro pioneirismo da Edufba: dentre o conjunto de obras lançadas em 2011, faz parte a primeira publicação em formato de audiolivro, intitulado *Na Vila*, de autoria de Elizabeth Bishop e traduzido pelas professoras Silvia Maria Guerra Anastácio, Sandra Corrêa e Andréa Gomes. Em 2013, mais um título foi publicado, e finalizamos 2019 com 13 audiolivros disponíveis no RI, como foi mencionado anteriormente.

Quadro 5 – Dados gerais do Portal SciELO Livros

EDITORAS PARTICIPANTES	NÚMERO DE TÍTULOS DISPONÍVEIS	NÚMERO DE TÍTULOS EM ACESSO ABERTO	CAPÍTULOS EM ACESSO ABERTO	NÚMERO DE AUTORES	DOWNLOADS
19	1.226	751	10.117	6.282	91.817.001

Fonte: SciELO Livros (2020).

Quadro 6 – Dados da Edufba no SciELO Livros

NÚMERO DE TÍTULOS DISPONÍVEIS	NÚMERO DE TÍTULOS EM ACESSO ABERTO	CAPÍTULOS EM ACESSO ABERTO	NÚMERO DE AUTORES	DOWNLOADS
193	126	1787	996	12.014.635

Fonte: SciELO Livro – Edufba (2020).

Quadro 7 – Livros mais acessados da Edufba

TÍTULO	AUTOR(A)/ORGANIZADOR(A)	ANO DE PUBLICAÇÃO
<i>Avaliação educacional: desatando e reatando nós</i>	Organizadores: Lordêlo, José Albertino Carvalho; Dazzani, Maria Virgínia	2009
<i>Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas</i>	Organizadores: Nascimento, Antonio Dias; Hetkowski, Tânia Maria	2009
<i>Produção do cuidado no Programa Saúde da Família: olhares analisadores em diferentes cenários</i>	Organizadores: Assis, Marluce Maria Araújo; Nascimento, Maria Ângela Alves do; Franco, Túlio Batista; Jorge, Maria Salete Bessa	2010
<i>Manual básico para atendimento ambulatorial em nutrição</i>	Autoras: Villela, Nilze Barreto; Rocha, Raquel	2008
<i>Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas</i>	Organizadores: Díaz, Félix; Bordas, Miguel; Galvão, Nelma; Miranda, Theresinha	2009

Fonte: estatísticas Edufba – SciELO (2019).

Houve, na gestão de Dora Leal Rosa, uma expansão do número de estagiários, perfazendo um total de 25 alunos da UFBA dos cursos de Letras, Design, Biblioteconomia, Secretariado, Administração e Comunicação (Jornalismo e Produção Cultural). O programa de estágio da Edufba iniciou-se em 2009. Estava de acordo com as diretrizes da UFBA e com a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, entendendo-se o estágio como ato educativo e suplementar, desenvolvido no ambiente de trabalho por alunos regulares, dentro de um contexto pedagógico de ensino. Com objetivos bem definidos – capacitar alunos de cursos de graduação de áreas afins às atividades do processo editorial para adquirir competências e habilidades, bem como reforçar sua formação cidadã e intelectual e ampliar a capacidade de produção da editora –, até o final de 2019, cerca de 150 alunos passaram por esse programa e alguns deles, depois de formados, seguiram a atividade profissional na área editorial, buscando inclusive outros mercados, como o de São Paulo.

A gestão do atual reitor João Carlos Salles Pires da Silva, que cumpre o seu segundo mandato, iniciou-se em setembro de 2014. Após a entrega de um relatório sobre as atividades da Edufba e suas necessidades imediatas, fui convocada para uma audiência na qual tive a satisfação de ter na pessoa de Paulo Lima o assessor da reitoria ao qual a editora estaria subordinada. A criatividade, a sensibilidade e o dinamismo de Paulo transformaram esses últimos anos à frente da Edufba em desafiantes e inovadores. Há um saldo extremamente positivo, embora o momento político, a partir das mudanças ocorridas com o novo governo, tenha transformado o nosso dia a dia com momentos de sobressaltos, fazendo com que tenhamos que nos reinventar a todo momento. O exemplo de resistência é traduzido no árduo trabalho realizado por uma equipe comprometida e com o apoio institucional. Nos últimos cinco anos, foram publicados cerca de 550 novos títulos, além das reedições. Pelas premiações recebidas (Quadro 8) nesse período, certifica-se que, de fato, a qualidade das publicações tem um reconhecimento que vai além da instituição.

O reconhecimento da importância do RI foi imediato pelo reitor e sua equipe, inclusive apoiando a realização na UFBA, sob minha coordenação, da 5ª Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto (Confoa), que teve como tema central os repositórios e teve o Ibict representando o Brasil nessa parceria luso-brasileira. No entanto, não houve entendimento por parte da Propp quanto à continuidade do RI sob sua tutela, e este passou para a coordenação do Sibi. Com uma pequena equipe, o Sibi buscou dar continuidade aos serviços prestados pelo Repositório que ainda requer a atualização da versão do *software* Dspace, que é o *software* usado pelo RI da UFBA. Além do *Alerta*, a Edufba se encarrega de divulgar a sua coleção de forma sistemática.

Quadro 8 – Relação de títulos publicados da Edufba premiados

AUTOR	TÍTULO	PRÊMIO	ANO	CATEGORIA
Aldri Anunciação	<i>Namíbia, não!</i>	Prêmio Jabuti	2013	Melhor livro juvenil
Edward MacRae, Wagner Coutinho Alves (org.)	<i>Fumo de Angola: canabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade</i>	Menção honrosa no Prêmio Abeu	2017	Ciências da Vida
Cecília M. B. Sardenberg e Márcia S. Tavares (org.)	<i>Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento</i>	Menção honrosa no Prêmio Abeu	2017	Ciências Sociais e da Expressão
Aristônio Magalhães Teles, Jimi Naoki Nakajima e Nádia Roque (org.)	<i>A família Asteraceae no Brasil: classificação e diversidade</i>	Menção honrosa no Prêmio Abeu	2018	Ciências da Vida
Eduardo Tudella	<i>A luz na gênese do espetáculo</i>	2º lugar no Prêmio Abeu	2018	Linguística, Letras e Artes
Ygor Diego Delgado Alves	<i>Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo</i>	2º lugar no Prêmio Abeu	2018	Ciências Sociais Aplicadas
Denise Helena P. Laranjeira e Rosa Elisa M. Barone (org.)	<i>Juventude e trabalho: desafios no mundo contemporâneo</i>	Menção honrosa no Prêmio Abeu	2018	Ciências sociais aplicadas
Antônio A. S. Zuin, Lucídio Bianchetti e Obdália Ferraz	<i>Publique, apareça ou pereça: produtivismo acadêmico, “pesquisa administrada” e plágio nos tempos da cultura digital</i>	Menção honrosa no Prêmio Abeu	2019	Ciências humanas

Fonte: elaborado pela autora.

As principais deliberações da atual gestão que contribuíram para a ampliar a visibilidade e consolidar a gestão administrativa da Edufba seguem destacadas a seguir:

- Institucionalização do Projeto Administrativo-Financeiro (UFBA/Fapex) – incluindo o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) filial da Fapex para emissão de nota fiscal; em breve, entra em operação a Livraria Virtual da UFBA;
- Lançamento de edital para publicação em 2016/2017, em homenagem a Judith Grossman, e em 2018/2019, em homenagem a Susana Alice Cardoso;
- Festival de Livros e Autores da UFBA (25 edições até dezembro de 2019);
- Desenvolvimento e lançamento dos produtos UFBA (primeiros produtos: canetas, lápis, camisetas diversas, *ecobaq*, cadernos de notas);
- Consolidação do programa de estágio para alunos da UFBA – Letras, Comunicação (Jornalismo e Produção Cultural), Administração, Economia, Design, Biblioteconomia, Bacharelado Interdisciplinar;
- Interiorização da Edufba (apoio para participação em eventos no interior do estado em diversas IES);
- Diagnóstico dos periódicos da UFBA com a criação de grupo de trabalho, ainda em conclusão;
- Inclusão de livros infantis na linha editorial;
- Adoção do Digital Object Identifier (DOI) para os artigos dos periódicos da UFBA.

PERIÓDICOS DA UFBA

Algumas unidades de ensino e outros órgãos vinculados à pesquisa contribuem com a disseminação da produção científica da UFBA através da publicação de periódicos. Estes estão disponíveis, em geral, no Portal de Periódicos,¹ gerido pelo Sibi/UFBA. Para tanto, o Portal utiliza o Open Journal Systems (OJS)/Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (Seer), que é um *software* desenvolvido pelo Public Knowledge Project (PKP), na University of British Columbia, e customizado pelo Ibict. É adotado por centenas de revistas no Brasil para a gestão editorial, promovendo maior agilidade no fluxo de publicações periódicas eletrônicas.

São 61 periódicos em situações diversas, muitos sem o cumprimento de uma periodicidade. No momento, há um grupo de trabalho com o objetivo para propor diretrizes para o Portal de Periódicos da UFBA, coordenado pelo Prof. Giovandro Marcus Ferreira, da Facom/UFBA, com a participação da Prof.^a Susane Barros, coordenadora editorial da Edufba; Kleber Carvalho Ferreira, representando o Sibi; Ronaldo Lopes Oliveira, da Pró-Reitoria de Assuntos Internacionais; Nelson de Luca Pretto, da Faculdade de Educação; Iracema Brandão Guimarães, da FFCH; Luiz Cláudio de Araújo Mendonça, da Superintendência de Tecnologia de Informação; e Mariluce de Souza Moura, da Agenda Cultural da UFBA.

Anteriormente, a Edufba já vinha desenvolvendo uma proposta com a participação de Sonia Vieira – bibliotecária e chefe da biblioteca da Faculdade de Educação,

1 <https://portalseer.ufba.br/>.

autora de uma dissertação sobre o tema –, Susane Barros e a direção da Edufba. Após discussões e reflexões junto à Propp, propôs-se a criação de um Núcleo de Periódicos para dar suporte às editorias dos periódicos e, para tanto, teríamos uma equipe de estagiários capacitados e a coordenação do núcleo seria da Edufba. Um documento foi entregue à pró-reitoria, mas a proposta não foi efetivada.

Cada revista tem seu próprio conselho e, na maioria das vezes, não possui um profissional da área de editorial e nem suporte técnico. A grande maioria das revistas sai com erros elementares de normalização e sem projeto gráfico/editorial definido. De fato, a Edufba não tem condições de absorver todos os periódicos, porém alguns contam com seu apoio e repasse de algum recurso para etapas de revisão, normalização e editoração. Com a equipe atual, após redução drástica no número de estagiários, não temos como ampliar essa colaboração; no entanto, estamos sempre receptivos a orientar. Na definição de uma política editorial para a universidade, os periódicos deverão ser incluídos, mesmo que seja mantida a sua autonomia.

CIRCULAÇÃO DA PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA

Por muito tempo, a produção das editoras universitárias não era comercializada. A maioria dos livros publicados era doada gratuitamente a pessoas e até mesmo a instituições, sem o menor critério. Geralmente, após um lançamento festivo, quando os livros eram distribuídos de forma gratuita aos presentes, a sobra das tiragens – por vezes, altíssima – era esquecida em qualquer sala da editora ou da reitoria. Esse fato era comum com os livros editados no fim dos anos 1950, em convênio com a Livraria Progresso Editora, que, por muitos anos, eram encontrados em quantidades razoáveis no depósito de livros da Edufba.

Na UFBA, as primeiras publicações comercializadas foram os textos didáticos produzidos pelo programa de mesmo nome. Esses textos eram organizados sob a forma de apostila, inicialmente no formato A4 (21 x 29,7 cm), que evoluiu mais tarde para o formato A3, mais econômico (15 x 22 cm) e impressos na pequena gráfica da universidade. O primeiro ponto de vendas dessas publicações foi uma casa localizada na Rua João das Botas, nº 29, no Canela. Um balcão de madeira separava os livros dispostos em estantes de ferro cinza dos clientes.

As demais publicações que não eram produzidas por esse programa – a maioria delas, sem a análise de um especialista, não despertava, muitas vezes, o interesse do público universitário e não era comercializada.

A partir da estruturação de fato do CED e, sobretudo, com a criação do Conselho Editorial, que mudou o perfil da editoração universitária, acabou-se quase que totalmente com a publicação de textos chamados de “Chapa Branca”.¹

Graças aos novos critérios de seleção dos textos a serem publicados, voltados para o público universitário, bem como a melhoria na qualidade gráfica das publicações, houve conseqüentemente uma maior procura para a aquisição desses livros.

O ponto de vendas continuava sendo o da Rua João das Botas, porém com novo *layout* na distribuição das estantes de exposição dos livros que permitia o acesso do cliente e o manuseio das publicações para uma melhor avaliação no momento da compra.

De forma bastante tímida, se fazia a divulgação através de cartazes para o público do próprio *campus* e vendia-se, ainda, através do reembolso postal, ao público de outros estados.

62

O grande impulso em termos de comercialização do livro produzido pela universidade ocorreu a partir de 1983, com a criação do PIDL, quando o CED passou a comercializar os livros produzidos pelas demais editoras universitárias brasileiras. Sendo esta uma via de duas mãos, os livros do CED também seriam comercializados pelas outras editoras universitárias.

Com um número maior de títulos à disposição da comunidade universitária, o CED instalou outro ponto de vendas, no Instituto de Biologia, que, embora não fosse o local ideal em termos de fluxo de público, foi um grande passo, já que, com a descentralização dos *campi* na UFBA, passou a atender as unidades localizadas em Ondina.

Já no final da gestão do reitor Germano Tabacoff, em 1987, esse ponto de venda foi transferido para o andar térreo da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa, onde permanece até esta data. Nessa ocasião, com a colaboração de estagiários (estudantes de Comunicação), fez-se uma campanha de divulgação do PIDL no âmbito da UFBA e especificamente junto aos departamentos das unidades de ensino para que os professores tomassem conhecimento dos títulos das outras instituições que estavam sendo comercializados nos pontos de vendas.

O grande impulso na comercialização das publicações da UFBA certamente relaciona-se, primeiramente, a um melhor critério na seleção dos títulos a serem editados e, em segundo lugar, ao sucesso do PIDL. Houve um aumento no fluxo de consumidores que visitavam os pontos de venda, já que o número de livros à disposição era

1 Termo utilizado pelo Prof. Gustavo Falcón, diretor da Edufba, em carta ao Prof. Adinoel Mota Maia, remetida em 14 de setembro de 1994, para designar “obra produzida por indicação dessa ou daquela personalidade”.

bem maior, cobrindo áreas em que a UFBA muitas vezes não tinha títulos publicados. A participação do CED em eventos nacionais e internacionais, como feiras e bienais do livro, dos quais tomavam parte outras editoras universitárias, impulsionou as vendas e a divulgação da produção universitária.

Para que houvesse uma maior dinâmica na comercialização dos livros, sobretudo em relação às vendas realizadas com outras instituições, assinou-se um convênio de cooperação com a Fapex, que passou, já naquela ocasião, a administrar os recursos oriundos dessas vendas.

Alguns entraves sempre ocorreram, como a necessidade de reforma no ponto de venda do *campus* do Canela (em 1987 conseguiu-se um melhor espaço, na Rua Augusto Viana, nº 37, em frente à Reitoria, com a colocação de uma placa com o nome “Livraria da UFBA”). Não foi a almejada livraria em termos de infraestrutura, mas era um ponto de passagem para um público em geral sem vínculo com a universidade.

O mercado de livros sempre enfrentou dificuldades, como a dimensão territorial do país, o baixo número de leitores e a relação com as livrarias comerciais com as quais se adota o sistema de consignação, ou seja, deixa-se o livro e o pagamento será efetuado quando for vendido. A prestação de contas deve acontecer mensalmente. Este era um outro obstáculo para as editoras universitárias: o número reduzido de servidores os quais não tinham, na sua maioria, perfil para executar “cobranças”. O CED, mesmo com limitações, conseguiu a inserção no mercado através de algumas livrarias privadas, sendo que três delas não estão ativas: Civilização Brasileira (filiais do Shopping Barra e Iguatemi), Fundação Casa de Jorge Amado (no Pelourinho) e Livraria Grandes Autores. Realizavam-se ainda atendimento através de reembolso postal, vendas diretas no próprio CED, principalmente aos próprios autores, além de vendas em eventos: palestras, congressos, seminários e encontros, bem como os lançamentos festivos.

O antigo convênio existente com a Fapex foi transformado, em 1992, em um projeto assinado entre a reitora Eliane Azevedo e o superintendente da fundação, José Sérgio Gabrielli. O objetivo é a administração e a exportação dos pontos de vendas de livros, além da comercialização e distribuição da produção da Edufba, tendo como meta a profissionalização desses serviços. Caberia ainda à Fapex:

- a. adequação dos imóveis onde funcionam os pontos de vendas;
- b. informatização dos pontos de vendas e instalação de fax e telefone;
- c. treinamento para o pessoal de atendimento;
- d. comercialização não apenas dos livros produzidos pela Edufba, mas também de outras editoras públicas e privadas voltadas para o público universitário;

- e. comercialização de artigos de papelaria e outros itens, como camisetas, bermudas e outros, com o nome da universidade;
- f. instalação de outro ponto de vendas, com a construção no *campus* de Ondina de um espaço multiuso, com auditório, livraria, sala para lançamentos etc.

Como descrito no tópico anterior, a relação com a Fapex permanece e se ampliou. Muitas dessas proposições iniciais não foram efetivadas por uma série de questões, sobretudo de ordem financeira.

A transformação do CED em Edufba não alterou de imediato as práticas de comercialização. Estas foram se adequando ao que foi surgindo, sobretudo pela influência de mudanças tecnológicas, com o aparecimento das livrarias virtuais. A Edufba possui três pontos de vendas: um no térreo da Biblioteca Universitária de Saúde Professor Álvaro Rubim de Pinho, *campus* do Canela; o segundo no térreo da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa, *campus* da Federação/Ondina; e um terceiro no Ceao, no Largo Dois de Julho.

64

Sistema de distribuição

É válido, por conta de um registro histórico, já que o meu entrelaçamento com o livro universitário se deu em todas as etapas de produção, bem como na pós-produção, retomar a questão da distribuição da produção das editoras universitárias, uma vez que participei, desde o primeiro momento, do esforço destas em mudar esse cenário de distribuição limitada da produção. Era preciso ultrapassar os muros da universidade. Por pretender deixar um documento que sirva a outros que desejem pesquisar o tema, algumas questões serão propositalmente repetidas para que estejam reunidas em um só tópico.

O início da década de 1980 foi marcado pelo surgimento de novas editoras universitárias, havendo, conseqüentemente, um aumento na produção de livros. Mas o que fazer com esses livros produzidos? Como fazer para atingir um público universitário mais amplo? Até então, a experiência com distribuidores privados, além de não ter sido satisfatória, em muitos casos, fora desastrosa.

Em 1982, a UFC promoveu o I Encontro Nordeste de Editoras Universitárias, que contou com a participação das seguintes universidades federais: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Fluminense, quando se discutiu a problemática do livro universitário, principalmente no que diz respeito à sua distribuição. Participei dessa reunião juntamente com o coordenador do CED, Prof. Ailton Sampaio.

Naquela ocasião, os editores universitários presentes decidiram criar uma sistemática de distribuição universitária do livro, em que cada instituição participante daquele encontro enviaria 25 exemplares das publicações de seu catálogo, após a seleção e a consulta aos diversos departamentos de ensino, para serem comercializadas nos postos de vendas e livrarias universitárias já existentes em cada instituição.

As editoras participantes da nova rede de distribuição concederiam um desconto da ordem de 50% sobre o preço de capa, sendo que as despesas com a remessa dos livros ficariam a cargo da instituição remetente e todas as publicações solicitadas seriam enviadas em consignação.

Ainda em 1982, em agosto, aconteceu o II Encontro Nordestino de Editoras Universitárias, dessa vez sediado na UFPE, com a finalidade de discutir uma política de preços que objetive estabelecer uma uniformidade de custos entre os participantes.

Por ocasião do 5º Seminário de Publicações Oficiais Brasileiras, realizado em julho de 1983 em Brasília, os editores universitários presentes, após discussão sobre o livro universitário e sua problemática, resolveram encaminhar um documento ao Ministério da Educação (MEC). Nesse documento, destacaram-se: a produção editorial das instituições federais de ensino superior, o Programa de Estímulo à Editoração Universitária (Proed), a distribuição e a comercialização do livro. Para tanto, seria necessário que o MEC mantivesse e ampliasse o Proed para as demais universidades, até então não beneficiadas, que estivessem em condições de desenvolver um programa editorial eficaz.

As editoras presentes naquele encontro, sentindo a necessidade de distribuir e comercializar a crescente produção editorial, resolveram apoiar a iniciativa já desenvolvida entre as universidades do Nordeste, de modo que cada uma delas, através de suas livrarias e postos de vendas, pudesse distribuir não só sua própria produção editorial, mas também a das demais universidades, surgindo, dessa forma, o PIDL.

Graças a essa sistemática de distribuição, houve uma multiplicação dos pontos de vendas e livrarias dentro dos *campi* universitários, tornando-se essa uma alternativa capaz de privilegiar obras nacionais, além de possibilitar a cada editora universitária avaliar comparativamente sua produção com as demais, em termos quantitativos e, sobretudo, qualitativos, incluindo-se aí tanto forma como conteúdo das publicações. Por outro lado, ampliou-se o índice de adoção, por parte dos professores, dos livros produzidos por outras editoras universitárias, criando uma nova mentalidade no âmbito das instituições no que se refere à publicação, produção e divulgação de títulos. Outro fator importante é que os editores universitários passaram a se reunir e discutir problemas comuns, buscando soluções que beneficiassem a todos.

Foi eleito para coordenador do PIDL, o Prof. Ailton Sampaio, na ocasião diretor do CED da UFBA.

No ano de 1984, por ocasião do I Seminário Nacional de Editoras Universitárias, realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), houve uma primeira avaliação do programa, que, nessa época, contava com 12 instituições participantes. Avaliaram-se, sobretudo, os entraves à participação de algumas editoras universitárias, bem como a criação de uma sistemática de divulgação e esclarecimento que permitisse a ampliação do quadro de integrantes, o reconhecimento formal por parte do MEC e o estabelecimento do cronograma de novos encontros.

Em 1987, foi criada a Abeu, que encampou o PIDL, transformando-o em uma de suas coordenadorias.

Após o encontro de 1984 na UFF, os editores universitários continuaram se reunindo anualmente de forma sistemática e o número de integrantes do PIDL foi crescendo a cada novo encontro. Hoje, após 32 anos de sua criação, existem mais de 100 editoras filiadas que, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, integram essa importante cadeia de difusão do saber produzido nas universidades. A coordenação do PIDL foi, por mais duas ocasiões, ocupada pela UFBA, por mim, antes da transformação em Edufba e através do primeiro diretor da editora, Gustavo Falcón, talvez porque, desde o antigo CED da UFBA, a instituição tenha sido um modelo de atuação no PIDL, buscando soluções para imprimir uma dinâmica cada vez mais ágil e eficaz à distribuição universitária. Na opinião de Alcides Buss, presidente da Abeu e diretor da Editora da UFSC, “o PIDL é o coração da ABEU.” (FALCÓN, 1993, p. 2).

Com a organização das editoras universitárias em torno de uma associação, houve a reativação, pelo MEC, do Proed. Criou-se uma comissão nacional formada por dois membros da Secretária de Ensino Superior (Sesu) e três editores universitários a fim de estabelecer critérios para que o ministério distribuisse verbas para as editoras desenvolverem seus projetos editoriais. Os critérios, então estabelecidos, foram: a editora possuir Conselho Editorial, o livro incluído no projeto ter sido aprovado pelo Conselho Editorial e a editora possuir livrarias. Após análise dos projetos enviados segundo esses critérios, o MEC financiou 60 títulos das diversas editoras universitárias e equipou algumas delas com sistemas para editoração eletrônica. A Edufba foi uma das contempladas com verbas para publicação. Feito único e histórico, essa interlocução com o MEC não mais aconteceu.

O PIDL originou a Abeu, de certo modo, e ainda hoje é um dos meios de comercialização das editoras universitárias. O compartilhamento é nossa prática, pois cada vez mais é preciso investir em participação em eventos científicos e acadêmicos que são itinerantes, que em cada ano ocorre em uma instituição. Nem todas as editoras universitárias conseguem assumir essa representação. A Edufba se esforça para estar no máximo possível de eventos e, apenas para exemplificar, em 2019, foram 160 eventos, 33% a mais que no ano anterior.

Dentre alguns dos eventos literários externos à UFBA, estão: a Bienal da União Nacional dos Estudantes (UNE), a Flica, a Fligê e a Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Nesses eventos, a Edufba representou a universidade expondo diversos títulos publicados por ela ou por outras editoras universitárias parceiras.

Tenho uma participação ativa ao longo da história da Abeu e faço questão de afirmar que meu trabalho sempre foi coletivo, agregador e para todos. Ocupei por duas vezes a presidência da Abeu e vários outros cargos, independente de presidência. No momento, por três gestões consecutivas, sou diretora de Comunicação. Temos um veículo semanal, que é o *Abeu em Rede*, Instagram, Facebook e o *site* da Abeu, inclusive com a disponibilização de publicações, dentre elas livros publicados pela associação. Contamos com a colaboração de um assessor de comunicação da Abeu. Considero duas contribuições importantes realizadas por mim junto à Abeu: a introdução da prática de pesquisa anual com nossas associadas, pois por muito tempo não tínhamos dados das editoras universitárias; e a aquisição da sede própria da associação, em São Paulo, no final da minha primeira gestão como presidente.

Divulgação

Embora com um catálogo contendo mais de 2 mil títulos publicados, além de um número de razoável de publicações esgotadas, a Edufba não alcançou ainda uma divulgação satisfatória. Mesmo no âmbito interno da universidade, alguns professores e muitos alunos desconhecem a sua existência ou a existência dos seus pontos de vendas. Esse fato só reforça o desestímulo à produção científica na universidade, pois muitos pensam: por que produzir, se não temos onde divulgar? A divulgação é realizada pela própria editora e, há um ano, conta com uma jornalista (servidora concursada) que coordena as atividades de divulgação.

A Edufba está alinhada com a divulgação nas redes sociais, que permite um contato direto, imediato e retorno das publicações e postagens. Utilizam-se, sobretudo, o Facebook (15.712 curtidas e 12.232 interações em 248 publicações) e o Instagram (10.388 seguidores, um aumento de 62% em relação a 2018), além de publicações no *site* oficial da Edufba, que passa por reestruturação e atualização para abrigar a livreria virtual. O Twitter voltou a ser usado em 2018 e hoje conta com 3.191 seguidores e um alcance de 72.190.

As divulgações abrangem os eventos que a Edufba participa ou realiza, novidades, promoções, avisos e dicas de leitura. Mensalmente, no *site*, posta-se uma entrevista realizada com um(a) autor(a). As entrevistas realizadas constituem um importante acervo por trazer a opinião e reflexão de pesquisadores(as), alguns já falecidos.

Em 2018, a Edufba desenvolveu um programa de incentivo à leitura, o #BoraLer, que objetiva valorizar e estimular o hábito da leitura. A ação ocorreu em três oportunidades diferentes – dentre elas, no Congresso da UFBA – e mais de 200 livros foram distribuídos, via um caça livros, com os exemplares distribuídos aleatoriamente nas unidades de ensino dos *campi*. O programa conta com uma identidade visual própria e foi bastante divulgado nas redes sociais e com excelente acolhida. Em 2019, também no Congresso da UFBA, contou com uma inovação: em vez de espalhar apenas os exemplares, foram colocados neles QR Codes. Após ler o QR Code com o *smartphone*, aparecia uma mensagem para o “caçador”, indicando o desconto ou o livro que ele poderia acessar no *site* do RI da UFBA.

Considero essa ação de grande importância e está alinhada com a minha atual pesquisa do pós-doutorado, que tem a leitura como tema central. As editoras universitárias extrapolam o compromisso de apenas publicar; assegurar a chegada do livro ao leitor e promover a leitura estão na sua missão.

ENTRELAÇANDO

O atual momento vivido pela editoração universitária é preocupante, como tem sido a política educacional do país. São ameaças que nos levam à resistência. Entrelaçar os dedos é uma simbologia de que sem o trabalho coletivo, união de esforços, dificilmente supera-se cada barreira imposta no nosso dia a dia.

Tenho o privilégio de poucos: realizar sonhos... Como? Publicando livros! Disseminando a pesquisa. Democratizando o saber. A gratidão é imensa à nossa universidade por ter permitido que, desfazendo nós, fazendo laços, entrelaçando com a comunicação científica da instituição, se construísse uma carreira acadêmica, administrativa e editorial que envolveu tantos e tantas! São mais de mil livros publicados e lançados. Autores, *designers*, bibliotecários, revisores, pessoal administrativo, jornalista, estagiários de tantas áreas e, finalmente, leitores, que são como nós, seguram e conduzem esse processo que é a produção de um livro. É lidar com algo do que é o mais sublime para quem escreve: o seu texto... São horas de pesquisa, horas de tratamento de dados, horas de construção do texto, horas de leituras para embasar sua pesquisa.

Ao receber o texto para avaliar, deixado na editora pelo seu autor, ele já não faz parte apenas da sua intimidade. Outros terão acesso e avaliarão a sua produção. São muitas as etapas, e temos que ser cuidadosos, pois publicamos para aqueles que estão em processo de formação: os alunos. É uma emoção cada livro que se publica; são histórias das histórias. E a concepção gráfica é trabalho de um artista, e isso individualiza o livro, assim como o texto o individualizou.

Assumo que sou um transbordar de emoções e tenho realmente a sensação de dever cumprido, o qual continuarei a cumprir. Espero ter a oportunidade sempre de fazer muitos laços e desfazer poucos nós; entrelaçar, sempre juntando livro a livro, original a original, e ampliar o número de leitores e o acesso ao livro.

Referências

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, L. Memória intelectual. *In*: BOAVENTURA, E.M. (org.). UFBA – Trajetória de uma universidade; do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia; artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas no jornal A Tarde e outros de 1994/1996. Salvador: EGBA, 1999.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

BAHIA. Secretaria da Cultura; Secretaria da Educação. *Plano Estadual do Livro e Leitura da Bahia*. [Salvador], 2013. Disponível em: http://www.fpc.ba.gov.br//arquivos/File/Legislacao/PLANO_ESTADUAL_DO_LIVRO_LEITURA_PELL_BAHIA.pdf. Acesso em: 22 fev. 2020.

BARROS, S. S. *Produção e comercialização do livro na sociedade da informação: o caso de Salvador*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

BARROS, S. *et al.* Produção e comercialização do livro na sociedade da informação: o caso de Salvador. *In*: JAMBEIRO, O. *et al.* (org.). *Cidades contemporâneas e política de informação e comunicações*. Salvador: Edufba, 2007. p. 262-290.

BUFREM, L. S. *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo: EdUSP: Com-Arte; Curitiba: EdUFPR, 2000.

CHAUVIN, J. P. Gênese e avanço das editoras universitárias. *Jornal da USP*, São Paulo, 12 maio 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/genese-e-avanco-das-editoras-universitarias/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

DIRENZO, M. Um prefácio. In: GIANOTTI, C. A.; MAGADAN, G. *Um livro: do autor ao leitor*. São Paulo: ABEU, 2018. p. 9-11.

FALCÓN, G. PIDL – Alternativa de distribuição. *Jornal da ABEU*, São Paulo, ano 1, n. 00, ago. 1993.

FALCÓN, Gustavo. [Correspondência]. Destinatário: Adinoel Mota Maia Moysés Vellinho. Salvador, 14 set. 1994. 1 cartão pessoal.

FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY. *Histórico*. Disponível em: <https://www.flip.org.br/historico/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

GARCEZ, L. H. C. Editoras Universitárias como dinamizadoras da qualidade do saber universitário. In: SEMINÁRIO NACIONAL DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS, 3., 1986, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: UNICAMP, 1986.

GARVEY, W. D. *Communication: the essence of science*. Oxford: Pergamon, 1979.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2005.

INSTITUTO BAIANO DO LIVRO. *A aventura editorial de Pinto de Aquiar*. Salvador: Instituto Baiano do Livro, 1993.

LE COADIC, Y. *A ciência da informação*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MEIRELLES, R. F. *Gestão do processo editorial eletrônico, baseado no modelo acesso aberto: estudo em periódicos científicos da Universidade Federal da Bahia – UFBA*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5629/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o__Rodrigo_Meirelles_Revisada.pdf. Acesso em: 16 fev. 2018.

MENZEL, H. *The flow of information among scientists - problems, opportunities, and research questions*. New York: Columbia University, Bureau of Applied Social Research, 1958.

NASCIMENTO, A. D. et al. *Subsídios para uma política de comunicação da UFBA*. Salvador, 1993. (fotocópia)

PINSKY, J. A função cultural das editoras universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS 3, 1986, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: UNICAMP, 1986.

SEMINÁRIO NACIONAL DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS, 1, 1984, Niterói. *Anais [...]*. Niterói: UFF, 1984.

SEMINÁRIO NACIONAL DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS, 2, 1985, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: UFBA, 1985.

SEMINÁRIO NACIONAL DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS, 1, 1986. Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp, 1986.

SEMINÁRIO NACIONAL DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS, 3, 1989. Curitiba, *Anais [...]*. Curitiba: UFPR, 1989.

ROSA, Flávia Goulart M. Garcia. *Dinamizando o PIDL*. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989.

ROSA, F. G. M. G. *A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do seu Repositório Institucional: uma política de acesso aberto*. Salvador, 2011. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3031/1/Tese%20Flavia.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

ROSA, F. G. M. G. *A editoração na Universidade Federal da Bahia*. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Produção editorial) – Universidade Católica do Salvador, Fundação para o Desenvolvimento do Servidor Público, Salvador, 1994.

ROSA, F. G. M. G. A produção editorial e as editoras universitárias. In: RUBIM, L. (org.). *Organização e produção da cultura*. Salvador: Edufba, 2005. p. 69-183.

ROSA, F. G. M. G.; BARROS, S. Panorama da história da editoração em Salvador/Bahia. 2004. Trabalho apresentado ao 1º Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, Rio de Janeiro, 2004.

ROSA, F. G. M. G. *et al.* A Presença das Editoras Universitárias nos Acervos dos Repositórios Institucionais. *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, p. 152-164, jul./dez. 2013. Edição especial. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v4i2p152-164>. Acesso em: 12 jan. 2020.

ROSA, F. G. M. G.; ZOBIAK, R. C. (org.). *Editoras baianas: levantamento preliminar*. Salvador: Instituto Baiano do Livro, 1992 SCIELO LIVRO. Disponível em: books.scielo.org. Acesso em: 23 fev. 2020.

SCIELO LIVRO – EDUFBA. Disponível em: <http://books.scielo.org/edufba/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

STUMPF, I. R. C. Passado e futuro das revistas científicas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em http://www.ibict.br/cienciadainformacao/includ_e/getdoc.php?id=846&article=504&mode=pdf. Acesso em: 21.05.2005.

TARGINO, M. das G. *Comunicação científica: o artigo de periódico nas atividades de ensino e pesquisa do docente universitário brasileiro na pós-graduação*. 1998. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1998.

TAVARES, L. G. P. *A continuidade define a linha*. 1991. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

TAVARES, L. G. P.; ROSA, F. G. M. G. Apontamentos para a história do livro na Bahia. In: BRAGANÇA, A; ABREU, M. (org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 221-233.

VEIGA, P. *Irmão Paulo Lachenmayer um artista alemão no mosteiro beneditino da Bahia no Brasil*. Salvador: Edufba, 2019.

VIEIRA, S. C. *Revistas científicas: estudo da visibilidade das revistas publicadas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

VOLPATO, G. L. *Publicação científica*. Botucato, SP: Santana, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Departamento Cultural da Reitoria. *Notícia histórica da Universidade da Bahia*. Salvador, 1967.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Pró-Reitoria de Planejamento. *UFBA em números*. Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação (PROPG). Salvador, 2019. Disponível em: https://proplan.ufba.br/sites/proplan.ufba.br/files/ufba_em_numeros_30_09.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *UFBA sobe uma posição no ranking universitário mais conceituado do país*. Salvador, 3 out. 2018. Disponível em: https://ufba.br/ufba_em_pauta/ufba-sobe-uma-posi%C3%A7%C3%A3o-no-ranking-universit%C3%A1rio-mais-conceituado-do-pa%C3%ADs. Acesso em: 23 fev. 2020.

ZIMAN, J. *Conhecimento público*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1979. (Coleção o Homem e a Ciência).

Este livro foi produzido em formato 1536 x 2048 pixels e utiliza as tipografias DTL Haarlemmer e Akko Pro, com miolo preparado na Edufba, em formato PDF.

